

LVSITANIA.
RESTAVRADA
DIRIGIDA

A
SEV RESTAVRADOR
EL REY
DOM IOAÕ O QVARTO
NOSSO SENHOR.

POR VICENTE DE GVZMAN
Soarcz.



EM LISBOA.

A custa de Lourenço de Anveres, & na sua
Officina. Anno de 1641.

O Primeiro da Restauração de Portugal.

L I C E N C I A S

Este livro, cujo titulo he *Lusitania Restaurada*, Autor Vicente de Guzmão Soarez, não tem cousa algũa contra a fê, ou bons costumes, & celebra com muito engenho, & boa Poesia a gloria da restauração do nosso Reino de Portugal. E assi me parece muito digno de se imprimir. Em s. Domingos de Lisboa. 26. de Agosto de 1641,

O Mestre Fr. Ignacio Galvão,

Vista a informação podese imprimir o liuro intitulado *Lusitania Restaurada*, Autor Vicente de Guzmão soarez, depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir com o Original, & sedar licença para correr & se ella não correrá Lisboa 27. de Agosto de 1641

Fr. João de Vasconcellos. Pero da Silva,

Francisco Cardoso de Torno.

Sebastião Cesar de Menezes.

Pode se imprimir Lisboa 21. de setembro de 1641,

O Bispo de Targa.

Que se possa imprimir este livro, vistas as licenças do santo Officio, & ordinario, & não correrá com o primeiro tornar a esta melã para se taxar. Lisboa 6. de Setembro de 1641.

João Sarmento da Bacia. Cesar. D. Rodrigo de Menezes.

Este livro da *Lusitania restaurada*, com os annexos esta tudo conforme com seu Original. S. Domingos de Lisboa 21. de Novembro de 1641.

O M. Fr. Ignacio Galvão

Visto estar conforme com seu Original pode correr este liuro. Lisboa 22. de Novembro de 1641

Fr. João de Vasconcellos. Pero da Silva.

Francisco Cardoso de Torno,

Taxam este liuro em setenta reis em papel. Lisboa 23. de Novembro de 1641.

Menezes

Ribeiro,

A EL REI. N. SENHOR,
DOM IOÃO O QVARTO
Restaurador de Portugal,

SENHOR.



O Panegirico, é que celebrei a vinda de V. Mag.
de Almada a Lisboa, aquella Ninfa, que oferecia
a V. Mag. hũa coroa de flores, cõtava estes versos

Esta, que adorna a muitos a cabeça,

A vobos pès he bem que se ofeneça.

Não me atrevo a afirmar, que foi conceito da esperança;
mas atrevo-me a presumir, que foi profecia do desejo. A-
gora neste livro com mais venturoso successo logra V. Mag.
a coroa de ouro em seu legitimo lugar, sendo a restituição
de V. Mag. & a restauração de Portugal hũa acção tão hũa,
que nem a justiça, nem o Amor lhe pode considerar sepa-
ração. Lembrandome agradecido da benignidade, com que
V. Mag. me fez m. em Almada de admitir aquelle humilde
servico, me animei obrigado a dedicar a V. Mag. esta LV-
SITANIA RESTAVRADA, confiado, que, como V.
Mag. com seu Real alento he seu autor na empresa, assim
tambem com seu augusto nome serà seu defensor na rela-
ção. Guarde Deos a Sereuissima pessoa de V. Mag. para
gloria de Portugal, para coluna da Igreja, para admiração
do mundo. Lisboa 15. de Novembro de 1641.

A TODOS.

A Acção de *LVSITANIA RESTAV-
RADA* era tão eroica, que a não igua-
lava o mais sublime estilo; mas o Amor alenta grã
des audacias, E o da Patria pode tanto, que tal
vez excede os limites das forças. Este me empe-
nhou no estudo d' estes cantos, que quando não sir-
vão de dino aplauso a tanta empresa, pelo menos
serão estímulo para os melhores engenhos emenda-
rem com obras proprias os defeitos, que nesta cen-
surarem.



LVSITANIA

RESTAVRADA

DE
VICENTE DE GYZMAN
Soarez.

CANTO PRIMEIRO.



¹
Aõ cãto as armas, a cõcordia cãto,
E o varão, q̃ a preciosa liberdade
Da amada Patria cõ geral espãto
Redemio da tirana crueldade:

Nunca Heroe memoravel obrou tanto,
Nunca Musa aspirou á Eternidade
Com tal acção: que admira o emisferio
Triũfar sê guerra, & cõquistar o imperio:

²
Ardua empresa tomou minha confiança,
Em q̃ a arte teme, quãto atreve o égenho,
Muito farei, se meu accento alcança
De tão grãde promessa ao desempenho:
Mas minha presumpção, minha esperãça
Em teu favor, ò eterna Musa, tenho:
Inspirame copiosa, dãmme altiva
Hũa idea immortal, hũa arte viva.

A

E vos

3

E vos, Restaurador maravilhoso
 Da gloria Lusitana, a quem o Fado
 Na posse constitue venturoso,
 Quanto nas esperanças desejado:
 Vmanai o lembrante Magestoso
 A accento, mais que culto, afeiçãoado:
 Que ensaios nesta empresa considero
 Para outras, que de vos cantar espero,

4

Que eu, Senhor, q̄ cantei cō voz medrosa
 Hūas flores, q̄ ao Tejo é Maio destes,
 Ia canto com trombeta sonora
 O fruto, em que essas flores cōvertestes;
 Empenho he da promessa venturosa,
 Que benigno ao meu canto recebestes,
 E oje meus desempenhos persuade
 Flor a Excelencia, fruto a Magestade.

5

Perdoai as lisonjas dirigidas
 Ao poder, que então era idolatrado,
 (Sendo verdades a vos sō devidas)
 Que entreteceu meu plectro violétado:
 Que tambem vos, ó Reis, as nossas vidas
 Devieis, muito ha, ter resgatado:
 E obedecendo aos tempos a esperança
 Desculpa nas violencias a tardança.

Em fin

6

Em fim chegou o termo venturoso
 De restituir o Cetro Lusitano
 Ao centro de seu tronco glorioso,
 A quem o dera o fado soberano;
 Chegou a idade de ouro ao piedoso
 Reino, chegou o amparo de seu dano;
 Chegastes vos; e em vos cūpridos vejo
 Os termos da esperança, & do desejo.

7

Estava Portugal; mas não estava;
 Iazia Portugal; mas não jazia:
 Que o estado, & o sepulcro, é q se achava
 De vida, nem de morte lhe servia;
 Para sofrer, a vida sustentava,
 Para viver, da vida carecia,
 Provãdo cada instãte em triste abismo
 Hum golpe, hũa ruina, hũ paracismo:

8

Orfão d' aquelles pais, em cujo peito
 Reinava mais o amor, que o poderio,
 Chorava seu tormento mal sojeito
 Ao jugo de soberbo senhorio;
 O valor, a quem d' antes era estreito
 O mundo, como em neve preso o rio,
 Sem galardão estava, & sem justiça
 Nas prisões da lisonja, & da cobiça.

O sustento dos pobres carregado
 De intoleravel peso de tributos
 Escassamente dava cultivado
 Ao miseravel dono livres frutos:
 Já não avia idade, nem estado,
 Que os tristes olhos contivesse enxutos
 Vendo quebrar astencas, & com ellas
 O pão de orfaãos viuvás, & donzellas.

As fazendas, que menos poderosos
 Principes dêrão à Igreja santa,
 Alvitres cegamente perniciosos
 Lhas defraudavão em riqueza tanta;
 Em gastos escusados voluptuosos
 De quem aplanava os montes, & levanta
 Os valles ocioso, se gastava
 Quanto o Reino, & cõquista tributava.

As onras, os officios, os governos
 Vendidos de ordinario aos mais indinos
 Erão da Patria escandalos eternos,
 E errada exaltação dos peregrinos:
 Os dinos de escreverse nos quadernos
 Da Nobreza esquecião, muitos dinos
 De esqueceremto, dando a razão gritos,
 Se vião na memoria injusta escritos.

PRIMEIRO

12

Os premios das insignias militares,
Que justamente forão ordenados
Para os q̄ tingé cõ seu sãgue os mares,
E as terras pela fê d' esforço armados;
Se davão por respeitos singulares,
E sô alcançavão cruzes os cruzados,
Fazendo a hum por injuria cavalleiro
Nã o proprio valor, mas o dinheiro,

13

Cometido o timão da Monarquia
A debil mão, porem de modo armada,
Que para fazer mal tudo podia;
Mas para fazer bê ou pouco, ou nada,
Naufragios ameaçava cadadia,
E a gente em tempestades alagada
Chorava o varonil ardor sojeito
Ao fraco braço, ao feminino peito.

14

Hum òmem, cujo estado se não conta,
Porq̄ de hũ morto fora aqueixa ociosa,
Era dos òmês nobres viva afronta,
Era monstruosidade prodigiosa;
Todo o estado das cousas, toda a conta
Do Reino com soberba escandalosa
Intruso registrava mais tirano,
Que o proprio dono, é que fũdava o dano,

A;

Simula;

15

Simulado pretexto, nomeado
 De consulta, a nobreza convocava
 A corte estranha com sagaz cuidado,
 Que as ultimas desgraças fulminava:
 Temia o Reino ver-se despojado
 Do lustre Portuguêz, que o sustentava,
 Que era o designio certo, que movia
 A chamar a Castella a fidalguia.

16

Das condições juradas, & firmadas,
 Com que deu Lusitania ao Castelhana
 As chaves (se lhas deu, sendo compradas
 Apoucos com violência, ou com engano)
 Tantas, & tantas vezes quebrantadas
 Com tanta perdição, com tanto dano
 Do povo, q̄ as chorava, se as sofria,
 O direito das gentes se ofendia.

17

Não havia lugar, villa, ou cidade,
 Que ja pudesse sustentar a carga
 Da ambição, que oprimia a liberdade,
 Que o Ceo no justo Imperio nos alarga;
 Vindo a ser a maior calamidade,
 Ea dor aos Portuguezes mais amarga
 Não ver no Rei hũ pai, hum doce abrigo,
 Que aliviasse a pena, ou o perigo.

De tão

18

De tão grande opressão, de tal violência
A voz, que magoada se formara,
Em suspiros envolta, & em paciência
Por remate da pena ao Ceo chegara:
No tribunal da eterna Prouidencia
Seu vivo sentimento declarara,
E onde bastava o leve pensamento,
Sobejou o gemido, & o tormento.

19

Affistiaõ ao trono omnipotente
Inimitavel a este umilde canto
A Paz santa, a Iustica independente,
Cõ branca toga, & cõ purpureo máto:
Presentouse a Iustica reverente
A Deidade, que ocupa o trono santo,
E com suave voz, bem que severa,
Repete o que no peito considera.

20

Eterno instituidor das monarquias
(Dice) de cuja mente sempiterna
Se dirivão os fins, & as melhorias
Dos cetros, cõ q̃ o mûdo se governa;
Que tem chegado ja, parece, os dias,
Em que cumprais hũa palavra eterna,
Que destes, Rei dos Reis, Deos soberano,
A Afonso Rei Primeiro Lusitano.

21

Atenuouse a geração famosa
 Decima sexta na Africana terra,
 Onde com sede de onra religiosa
 Passou por vosso nome a fazer guerra;
 E sta atenuação sempre chorosa
 A Portugal de Portugal desterra
 As glorias, os trofèos, a eterna fama
 Dina de hum Reino, que fiel vos ama;

22

Prometestes, Senhor, ao Rei Primeiro
 Tornar a pôr os olhos piedosos
 Neste Reino leal, dandolhe erdeiro,
 Que restaure seus males rigurosos;
 Ia aveis sido leão, sede cordeiro
 Compassivo a seus danos licenciosos,
 E pois vossa palavra reconheço,
 Se umilde o rogo, confiada opeço.

23

De Dom IOÃO, que he Duque de Bragãça,
 Bem conheceis os dotes, & o direito,
 Que ao Reino tem, de cuja posse o lãça
 Hũ poder q̃ o reduz a Estado estreito:
 E chega a tanta audacia a confiança,
 Que ao soberbo rigor o faz sojeito,
 Que determina, sò por umilhillo,
 Que vã saber o Duque, que he vassallo.

Agor

24

Agora, Eterno Deos, agora cabe
 Acodir ao aperto mais nocivo,
 Para que a Tirania se não gabe,
 Que a Iustica prostrou cõ braço altivo:
 Fazei, Senhor, q̃ saiba quem não sabe,
 Que ha neste peito meu distributivo
 O attributo immortal de vosso gremio,
 Castigo para o mão, para o bó premio.

25

Suba pois o piadoso Lusitano
 Ao trono hereditario, que usurpado
 Por injuria possue o Castelhana
 Mais em força, que em causa, confiado:
 Libertese do Imperio do tirano
 Este Reino por vos edificado,
 Impere Dom Ioaõ Quarto reine, & máde,
 Exaltese o modesto, & caia o Grande.

26

A qui callou. Ea Paz, que estava atenta
 As razões, que a Iustica pronunciara,
 Com semblante alterado se apresenta,
 E assim fallou com voz umilde, & clara;
 Detem a espada (diz) sanguinolenta,
 Que na balança eterna se prepara,
 Suspende teu rigor, Iustica amiga,
 Olha, no que propões, quanto periga.

Ameaçã.

27

Ameaçando estã fatal ruina
 Da Coroa de Espanha à maior parte,
 Ia dentro em seus limites se fulmina
 O estrépito mortal do orrendo Marte:
 Catalunha com gente peregrina
 Bellicosa, & capaz de esforço, & d' arte
 Ia aclama (grão prodigio nesta idade!)
 A saborosa voz da liberdade.

28

Ia o assenso comũ, posto que esconde
 As obras ou por medo, ou por respeito,
 Com animo uniforme corresponde
 Ao som da novidade bem aceito:
 Apenas tem lugar Espanha, aonde
 Não salte o coração fora do peito
 Por guerra, guerra. E se eu não fora, logo
 Se publicàra aguerra a sangue, & fogo.

29

D' estes universaes estrondos, d' esta
 Geral ruina, que a soberba Espanha
 Com ameaços bellicos infesta
 Pronosticando perdição estranha:
 Onde menos retumba a voz molesta,
 Onde menos se vê guerra tamanha,
 He Portugal, a cuja nobre terra
 Escasso chega sò o eco da guerra.

Pacífico

30

Pacifico obedece ao Cetro de ouro
 Do Castelhana Rei, q̄ em paz segura
 Presume ter de toda Espanha o louro,
 Que aquirio por herança, ou por vêtura:
 Discursa tu a que terra, a que tesouro
 Não prostra, & não esgota a guerra dura:
 Pois sem guerra, Iustica, que esperança
 Terás de conseguir tanta mudança?

31

A Felipe o Segundo de Castella
 Aclamou Portugal seu Rei primeiro:
 Que fosse por direito, ou por cautela,
 Ia tem herdado o titulo o Terceiro:
 Sua posse he tão larga, que com ella
 Corada com o titulo de herdeiro
 Basta para excluir qualquer direito
 Do Principe, que julgas mais perfeito.

32

Quanto mais que eu não sei, q̄ segurãça
 Possas dar ao designio, que decretas,
 Se ao primeiro Felipe por herança
 Derão estas Coroas os Planetas:
 E se imaginas, que o teu Duque alcãça
 Direito a Portugal, as leis quietas
 Podem fazer que seu valor se entenda;
 Julgue a jurisprudencia esta contenda.

Olha

33

Olha para Felipe, o que prudente
 Se intitulou, verás, que lhe cabia
 (Por ser, qual foi, varão, & decendete
 Del Rei Dom Manoel) a Monarquia:
 Aquelle Dó Manoel, aquem o Oriente
 Rendeu as gaias, com que enfeita o dia,
 Foi pai da Emperatriz mãe de Felipe:
 Quem pode pois aver, q̄ se anticipe?

34

Diràs tu, que a Princesa Caterina
 Neta do mesmo Rei té melhor parte
 No Reino, melhor causa, & q̄ he mais dina,
 Por ser filha do Infante Dom Duarte;
 Mas de que modo alinha feminina
 (Se o vinculo do Reino se não parte)
 Has de antepôr, Iustiza, ao varão forte,
 Que sò por ser varão melhora a sorte?

35

Avendo pois nos grãos hũa igualdade,
 Pois ambos netos são do Rei ditoso,
 Pelo sexo Felipe, & pela idade
 No titulo prefere magestoso:
 Cesse por tanto, cesse a novidade,
 Que inculcas a este Reino venturoso,
 Deixa a guerra, Iustiza, mete pazes:
 Que assim contigo mesma satisfazes.

Dice

36

Dice. Mas a Iustica pondo a vista
 No fiel immutavel da balança,
 Aquem não ha respeito, que resista,
 Nem temor, que inquiete a segurança;
 Fazendo na memoria breve lista
 Do que propunha a Paz, com téperãça
 Do rigor; mas no efeito rigurosa
 Deste modo replica a Paz medrosa:

37

Atè quando (lhe diz) Paz, atè quando
 Queres, que sofra minha espada justa
 A sojeição do cativeiro infando,
 Que à gente Portuguesa tanto custa?
 Atè quãdo ha de estar de mim triúfado
 Com teu favor a tirania injusta?
 Atè quando teu ocio finalmente
 Ha de embotar de Luso o brio ardête?

38

Confessas, que já Espanha è guerras arde
 Parre no affecto, & parte no exercicio,
 E estará Portugal, sendo covarde,
 Por extremo de umilde dão em vicio?
 O beneficio, quando chega tarde,
 A penas se nomeia beneficio:
 Se ha de acodir a Portugal meu braço,
 Não morra em dilacões o bê, que faço.

Que

39

Que importa, ò Paz, q̄ do geral rebate
 Sò chegue o eco à Lusitana terra,
 Se sofre com os ecos mais combate,
 Que os outros Reinos có a mesma guerra:
 Que guerra pode aver, que pior trate
 A hũ Reino, q̄ esgotarlhe quãto encerra
 De sustícia, rasgã dolhe as entranhas
 Para sollicitar guerras estranhas?

40

Eu não pretendo guerra, meu intento
 Não encontra o sossego à monarquia;
 Sò pretende meu justo pensamento,
 Que reine livre quem reinar devia:
 Se a ambição affectar atrevimento
 Contra o recto motivo, que me guia,
 A defendello estou aparelhada:
 Que esse he o preciso éprego d'esta espada.

41

Se apaz he destruição da liberdade,
 Do esforço, do valor, & da virtude,
 Para buscar segura utilidade
 Melhor será. q̄ é guerra apaz se mude:
 Naça da guerra a paz: q̄ a átiguidade,
 Que he mestra dos Estados, a isto allude,
 Quído aprovou por boa a paz, q̄ custa
 Boa guerra, & a boa sempre he justa.

E quanto

42

E quanto ao que argumentas do direito,
 Que tinha a Portugal o Castelhano
 Sempre dos Portuguezes mal aceito,
 E sempre rebatido com seu dano:
 Quando opesasses no fiel direito
 D' esta balança, viras teu engano:
 Não tem direito, não, nem lho concede
 A Iustiza immortal, que a Dó lo Adõ pede.

43

Nem posse lhe aproveita, nem compete
 Propriedade àlgũa ao de Castela,
 Por mais abonações, que lhe promete
 Esse injusto temor, que te desvela:
 Porque não val a posse a quem se mete
 Com mã fè, por violécia, ou por cautela
 Intruso na aprensão do alheio estado;
 Acto de toda a lei sempre estranhado.

44

E para que melhor te signifique
 Do que proponho a causa averiguada,
 Sem que cõ digressões o certo implique,
 Dã me atenção hũ pouco, Paz amada:
 Supõe, que o Cardeal Rei Dõ Enrique,
 Por deixar Lusitania se Regada,
 Quis, que nesta coroa succedesse
 Quem mais direito à successão tivesse.

Antes

45

Antes que lhe chegasse o fatal dia,
 Que ao mais largo poder he termo estreito,
 Porque se deferisse a monarquia
 Ao justo successor; não ao eleito,
 Mandou, que quem o Reino pretendia,
 Pela tela ordinaria de direito
 A codisse a allegar o fundamento
 De sua pretensão, de seu intento.

46

Com outros, de que já se não duvida
 Felipe, & Caterina litigavão
 Ventilando-se a causa defendida,
 E impunada d' aquelles, que a tratavão:
 Antes de se julgar, faltou a vida
 A Enrique. E dos q̄ nella se empregavão
 Hús por fraqueza, & outros por cobiça
 Esquecêrão os meios da justiça.

47

Felipe mais, que todos, poderoso
 Antecipou as armas, & a cautela,
 E conduziô exercito orgulhoso
 Da milicia melhor, que vio Castella:
 Ao som dos atambores belicoso
 Fez decidir a causa, sendo nella
 Os juizes inabeis, corrompidos,
 Fôra do Reino; & ao temor rendidos.

48

De cinco lhe daõ tres o não devido
 Cetro contra a opinião de toda a gête,
 Cujoo voto na força desvalido
 Se rendeu ao poder mais insolente:
 Sendo o Reino por força conseguido
 Dos mais, & sendo a poucos cegamête
 Comprado, o Castelhana dice dele:
Conquistêle, comprêle, i eredêle.

49

Iã pois se vê, que estando principiado
 O juizo, Felipe não podia,
 Sem cometer delito de atentado,
 Interromper a lide, que pendia:
 E que antes do processo ser julgado
 Por legitimos termos, não devia
 Apossarê do Reino, que primeiro
 Se avia de julgar ao justo erdeiro.

50

Sem embargo de tudo, o Castelhana
 Armado se meteu com mão violenta
 Na possessão do Reino Lusitano,
 Que minha espada restaurar intenta:
 Mal podia a violencia, mal o engano
 Dar posse justa da Coroa isenta;
 As Leis o dictaõ, a razãõ o clama:
 Digao toda a escriptura, & toda a fama

B

Nãõ

51

Não prescreveu a posse mal havida,
 Posto que doze lustros conservada:
 Pois era por direito resistida,
 Quanto foi por violencia mal fūdada:
 As leis daõ, que ha de ser restituída,
 Quando foi a Republica enganada:
 Enganado està Luso: quem ignora,
 Que tẽ restitução, & que a implora?

52

Atẽ o presente nunca Luso teve
 Cópia de obrar o que quísera logo,
 Porq̃ estava o poder gelado em neve,
 Quãto estava o desejo ardẽdo ẽ fogo:
 Agora tem lugar, agora deve
 Armar com graõ valor o marcial jogo:
 Sem que o direito seus decretos torça,
 Restaure força justa a injusta força.

53

Não menos manifesto fundamento
 Lhe nega ao Castelhana a propriedade
 Posto que diz teu dẽbil argumento,
 Que os Felipes reinãrão por erdade:
 Que injusta lei, que cego entendimẽto
 Injustiça tão clara persuade?
 Se queres conhecer a quem cõvinha,
 Vê a representação, observa a linha.

Et.

54

El Rey Dom MANOEL, a cuja gloria
 Maior, que o giro do Planeta de ouro,
 He curta toda a rima, & toda a istoria,
 He breve toda a palma, e todo o louro:
 Despois que eternizou sua memoria
 Cõ trofèos immortaes do Trace, e Mouro,
 E com triunfos da fè, que se estendia
 Por suas armas, mais que a luz do dia.

55

Trasladado a reinar em melhor parte,
 E a coroarse de hũa, & outra estrella;
 Entre as quaes assistio Divino Marte
 Mais dino de gozar a esfera bella:
 Deixou filhos, *O Infante Dom Duarte,*
Dona Isabel Rainha de Castella,
E Enrique Cardeal, que despois teve
 A coroa de Luso tempo breve.

56

Primogênito foi *Dom IOÃO Terceiro*
 Possuidor do cetro Lusitano
 Cujõ filho *Dom Ioão* pagou primeiro;
 Que o generoso pai, o feudo umano:
 Seu neto *Sebastião* foi seu erdeiro,
 A quem tirou o barbaro Africano
 Avida, ou a coroa: que ainda agora,
 Se a perdição se sabe, o mais se ignora.

B 2

Sebas.

57

Sebastião não tinha decendente,
 Passou ao transversal a regia erdade:
 De hũ Rei, q̃ professava esforço ardête,
 A hũ Rei, que professava piedade:
 Trocou *Enrique* o báculo clemente
 Pelo cetro da justa Magestade:
 Morreu s̃e decendencia, & quis o povo
 Gozar dos trálversaes outro Rei novo

58

Filha de *Dom Duarte Caterina*
 Representando o mesmo *Dom Duarte*
 Com a prerogativa masculina
 Na pretensão sustenta a melhor parte:
 Que, como o pai, se a dura Libitina,
 Que as pretensões do mudo atalha, e parte,
 Lhe não trouxera o ultimo gemido,
 Seria na coroa preferido.

59

Do mesmo modo preferencia tin h
 Per representação privilegiada
 A filha generosa, quem convinha
 A erança por injurias usurpa a:
 E basta, que estivesse em melhor linha,
 Para ter a intenção melhor fundada:
 Se queres brevemente vêr a prova,
 Ouve a resolução, que não he nova.

Para

60

Para se deferir algũa herdade,
 Que de vinculo tenha semelhança,
 Toda a jurisprudencia persuade,
 Que hũ d' estes quatro titulos a alcança:
 Seguese a linha, o grão, o sexo, a idade
 Por ordem sucessiva: E nunca a erança
 Faz a outra linha salto, sem primeiro
 Faltar na preferida todo o herdeiro.

61

Por morte de *Manoel* fez linha a parte
 Cadaqual de seus filhos generosos:
 E pois na erança, que se não reparte,
 Sempre são os varões mais venturosos:
 Entra a linha do *Infante Dom Duarte*,
 E os decedentes della são forçosos
 Sucessores do titulo mais alto:
 E avendoos, nunca o Reino fará salto.

62

Logo pois *Caterina* he decedente
 Na linha de *Duarte*, *Caterina*
 Prefere na coroa ao Rei prudente,
 Não prudente na força, que fulmina:
 E sobre tudo, ó Paz, não he decente,
 Que se una com coroa peregrina
 A coroa de Luso, se investigas
 Os costumes do Reino, as leis antigas.

B3

Quãto

63

Quanto mais q̄ ainda a ser o Castellano
 O successor legitimo de Luso,
 E a não ser por violencia, & por engano
 Na injusta possessão do Reino intruso:
 O cetro tem perdido por tirano
 Da monarquia, & pelo enorme abuso
 Da Magestade, tendo violentado
 Juntamente o profano, & o sagrado,

64

Se observas na prudente fantasia
 Os comũs da Politica estatutos
 Em que consiste a injusta tirania,
 Veràs, que te respondem refulutos:
 Que aquelle, que carrega a monarquia
 Com peso intoleravel de tributos,
 Posto que tenha otitulo propicio,
 He tirano do Reino no exercicio.

65

O que empobrece o povo: O que procura
 Nova guerra: O que tira da cidade
 O poder, & o saber por ter segura
 Do valor a ambição, & da verdade:
 Se aqui consiste a tirania dura,
 Julga, Paz, que maior calamidade
 Pode ter Portugal da que padece
 No barbaro governo, a que obedece!

De tão

66

De tão grandes tributos o carrega
 Felipe, que já o povo sustentallos
 Não pode, por q̃ a carga informe chega
 A mudar em cativos os vassallos:
 Tanto empobrece já a cobiça cega
 Os òmês, pretendendo sò cansallos,
 Que oprime injusta, porq̃ mais te doas,
 Não sò já as possessões; mas as pessoas.

67

As guerras, que de novo multiplica,
 O Paz, são tantas, q̃ em razão me fūdo,
 Se me atrevo a dizer, que se pública
 Enemigo comũ de todo o mundo:
 Seu maior aparato se fabrica
 No pobre Portugal, cujo profundo
 Assento d'armas, & guerreiros nobre
 De guerreiros, & d'armas fez já pobre.

68

Os varões, de valor, os celebrados
 Nas artes liberaes, & os de mais porte
 Da saudosa Patria desterrados
 Por engano convoca à sua Corte:
 Validos os injustos, mal premiados
 Os de merecimento, sem que importe
 O vicio, ou a virtude, a razão geme,
 E se ha mais que temer, ainda se teme.

69

Pregunta agora á lei, que justa pena
 A hũ Principe tirano se promete?
 Veràs sem controversia, que o condenã
 Como a quem força publica comete:
 Quem padece esta força a lei ordena
 (Se he necessario, q̃ ainda ta interprete)
 Que possa desforçar-se, & lhe permite,
 Que a força audaz cõ outra força evite.

70

Tambem dispoé, que aquelle, q̃ atrevido
 Despoja outro da posse que sustenta,
 O direito da cousa tem perdido,
 Sõ porque cometeu acção violenta:
 Logo ainda que Felipe fora havido
 Por Rei legal, constando, que frequêta
 Tiranicas acções, bem pode o povo
 Desforçarle aclamãdo outro Rei novo.

71

Não serã o *Duque* pois quem este efeito
 Procure, ainda que tenha faculdade,
 Porque nê de ambição fique suspeito,
 Nem o usucapião allegue idade:
 O mesmo Reino, a quem este direito
 Compete, recupere a liberdade:
 E posto nella, então ao *Duque* chame,
 Para o cetro o eleja, Rei o aclame,
 Que

72

Que como contra o Reino não procede
 A prescripção, que acaso allegaria
 O Catolico Rei, se não excede
 A memoria dos òmens mais tardia:
 A restitução, que o Reino pede,
 Muito d' este limite se desvia:
 Que, se bem padeceu danos eternos,
 Sòmente os padeceu sessenta invernos.

73

Restituáse pois ao livre estado,
 Em q' a morte o deixou d' elRei Enrique,
 Aclame liberdade confiado,
 E logo ao Rei legitimo se applique:
 Que quando o Reyno fica despojado
 De legitimo Rei, que o modifique,
 Ao mesmo Reino toca sem contenda
 Chamar Rei, q' o governe, & q' o defenda.

74

Por tanto se pretendes, Paz amiga,
 Não estragar o justo, & o decente,
 Podes fazer comigo justa liga,
 Em que o meio se dê mais conveniête:
 Meu intento magnanimo se siga,
 E tu, pois teu estilo to consente,
 Iuntamente obraràs. Vamos à terra
 Fazer justiça, & suspender a guerra.

Fim do Primeiro Canto.

CANTO SEGUNDO



¹
Ice. E na Providência omnipotente
O, sim, se conheceu ao q̄ dicera,
Por hũ aceno breve, a q̄ obediēte
Os exos move toda a clara esfera:
Conhecida a vontade independente,
A pacifica forma, & a severa
Conformes no decreto, dádo os braços,
Tecêrão de amizade novos laços.

²
E medindo por campos de çafira
Estadios de esplêdor, milhas de estrellas,
Mais do que o Sol em muitas oras gira,
Em instantes de luz decêrão ellas:
Louva o Ceo, o ar aplaude, a terra admira
A vista breve das sustancias bellas,
Que, sendo ao mundo luminoso enredo,
Caminhão para o templo do Segredo.

³
No coração da fabrica pomposa
Do sabio Grego, cujo antigo muro
A corrente do Tejo caudalosa
Vê pagar ao Oceano feudo puro;
A moderadamente magestosa
Cabeça empina hũ monte, que seguro
Faz estribado em si menor jactancia
Da altura, que da pôpa, & da constância.

Todo

4

Todo o sitio em contorno povoado
 De varios edificios aparece,
 E no mais alto cume edificado
 O templo do Segredo permanece:
 Mostrando a providencia do cuidado
 Misterio no lugar: Pois só merece
 O segredo fiel sagrado abrigo,
 Quando na observação teve perigo.

5

As muralhas de solido diamante
 Constavão, cuja altura peregrina
 Por coroa de ameias rutilante,
 Senhoreando o ar, co Ceo confina:
 A grave pompa, a fábrica elegante,
 Sendo a meteria de admirar se dina,
 Novas admirações das almas cobra
 No superior da inestimavel obra.

6

Não ha defesa algũa para a entrada,
 Mais que as leis rigurosas da laida,
 Porque na porta nũca a entrar vedada,
 Quãdo sae o Segredo, perde a vida:
 No simo do portal se vê animada
 A imagem do Silencio conhecida
 Em tudo por vivente, & viva em tudo:
 Não falla sò, porque o silécio he mudo.

Em

7

Em colunas de bronze se sustenta
 O tecto de ouro, cuja architectura
 Dos poderes do tempo vive isenta,
 Milagre singular em tanta altura:
 Na artificiosa máquina se ostenta
 Emula a fortaleza, & a fermosura
 Vnindo com primor maravilhoso
 O forte bello, immovel o fermoso:

8

Nas paredes em quadros guarnecidos
 De cedro, & ouro a muda poesia
 Os Heroes imitou, que combatidos
 Tevêraõ no segredo valentia:
 Com rubís pela boca derretidos
 Hũa mulher magnanima se via,
 Que a propria lingua mastigou se medo
 Por guardar o decoro de hum segredo.

9

No lugar mais sagrado se levanta
 Por diversos degrãos hũ trono altivo
 De tanta magestade de luz tanta,
 Que cada raio seu era hũ Sol vivo;
 O resplendor alegre, quanto espanta,
 E mais suave aos olhos, que nocivo,
 Com dar ao Sol intrêpidos desmaios,
 Faz idròpica a vista de seus raios.

10

Estava na capaz circunferencia
 Do primeiro degrão de pedras, e ouro
 Pitagoras, que ensina a grave sciencia
 Do callar, é q̄ he digno d'hera, e louro:
 A Retorica muda da eloquencia,
 Que no seu peito tem maior tesouro,
 Percebem os dicipulos constantes,
 Quão mais mudos são, mais elegâtes.

11.

Pelos outros degrãos com variedade
 Vistosa tem assento conveniente
 Toda a acção, que da muda Divindade
 Para se conservar he dependente;
 O Amor, a Fortaleza, a Lealdade,
 O Conselho, a Constancia, & finalmete
 Toda a virtude, que excelencias lavra
 Mais por obra immortal, q̄ por palavra-

12

Na mais sublime estancia se imagina,
 Mas não se mostra aos olhos, o Segredo,
 Porque cuberto está de hũa cortina
 De todo o Culto misterioso entredo;
 No vêo anima a Arte peregrina
 Hum vulto magestoso, que co dedo
 Quer a boca sellar; mas sem effeito,
 Porq̄ hũa banda azül o tem já feito.

Qual

12/11/17

13

Qual o idolo fermoso de Cupido,
 Divindade, q̃ o mundo rege, & mãda,
 Talvez cruel, talvez agradecido
 Com rigor doce, cõ crueldade brãda,
 Se mostra pelos olhos impedido
 Com o laço encarnado de hũa vanda:
 Tal à Deidade, que silécio pede,
 A váda azûl celeste a voz lhe impede.

14

Aqui chêgão com passo diligente
 A Iustiça, & a Paz, a quem não nega
 A lei do templo introduccão frequente
 Na estácia, a que a idea apenas chega:
 Penetrar a cortina lhes consente
 A guarda, que a cortina não desprega:
 Entraõ, propoé, consultão, & resulta
 Efeito memoravel da consulta.

15

Logo se chamou dentro a Lealdade,
 A quem todo o negocio se comete,
 Dandolhe registrada faculda de
 Doque callar, doque dizer compete:
 Ella com obediente brevidade
 O responder à execuçaõ remete:
 Deixando templo, corta os ares puros,
 E gira atenta de Vlissea os muros.

Agora

16

Agora, Musa heroica, agora inspire
 Teu favor no meu peito valor tanto,
 Que nũca o tẽpo oprima, & sẽpre admire
 A empresa gloriosa de meu canto:
 Das proprias aras do Segredo tire
 Alguns nomes eternos meu espanto
 Dos q̃ chamados para acção tão nobre
 O segredo, que guardão, mos encobre.

17

A Lealdade pois com voo brando
 O edificio de Vlisses rodeava
 Com atençãõ sollicita buscando
 Varoẽs dinos da empresa, que levava:
 Tantos via magnanimos, que, quando
 O encomendado numero notava,
 Na copia do valor empobrecia,
 Se hũs escusava, & outros escolhia.

18

Mas evitando excessos do preceito
 Que o Segredo lhe deu sẽpre observado,
 Quarenta convocou, numero eleito,
 Que despois foi a mais comunicado;
 Hum *Pedro de Mendoça*, em cujo peito
 Sempre fiel, sempre ao temor vedado
 Bem se empregou a nobre confiança,
 Que nunca nos perigos fez mudança.

Hum

19

Hum *Dom Miguel d' Almeida*, q̄ pudera
 Dar lições a Nestor na nossa idade,
 Cujã prudencia nenhũ caso altera,
 E famoso no amor da liberdade:
 Hum *Dom Antonio Tello*, a qué rendera
 Cesar sua maior felicidade;
 Mas ai! que Lusitania já deseja
 Seu valor, a que a Parca teve enveja.

20

Fernão Telles illustre, em quem reside
 Tesouro inestimavel de prudencia,
 E *Antonio Telles*, que tambem preside
 Nos aplausos da bellica excellencia:
 Pollux, & Castor são, em quem divide
 O affecto taõ ardente preeminencia,
 Que repartirão, já que não a vida,
 Esta parte das almas mais luzida.

21

Hum *Dom Gastão Coutinho* q̄ igual parte
 Alcãça ao forte Deos da esfera quinta
 Aventeando ainda ao proprio Marte
 Pois já na terra tem gloria distinta:
 Hã *Dõ Ioão da Costa*, é qué toda a arte
 Equestre as perfeições pratica, & pinta
 Tã forte, & tã airoso, que se iguala
 A Eitor, & Adonis em valor, & é gala.

Basta

22

Bastavão para patrias alegriãs,
 E para suspensão da gente estranha
 Hũ Antonio, hũ Ioaõ, hũ Sancho Dias,
 E hũ Aires, todos gloria de Saldanha:
 E tu, que ao mesmo Aquilles desafiãs,
 Quando a cavallo pisas a companha,
 Valeroso Rui de Figueiredo
 Onra da Patria, & dos côtrar ios medo.

23 FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

E teu irmão Enrique, a quem reserva
 O Ceo no quinto globo grande parte,
 Porque deixou a escola de Minerva,
 E à escola se applicou do grande Marte:
 Hũ Tristaõ de Mendoça, é que se observa
 Toda a opiniaõ, q̃ o nome lhe reparte,
 Pois quãto o tẽpo à fama o tẽ furtado,
 Tanto oje seu valor tem restaurado.

24

Iã para repetir os grandes Mellos
 Cõ grãde voz a obrigação me chama,
 Hũ Jorge, & hũ Manoel, q̃ parallellos
 Saõ dos que sobe ao Ceo aeterna fama:
 Hũ graõ Martim Afonso, que modellos
 Darã do affecto, cõ que a Patria se ama:
 Pois ao Monteiro mór, ao mór Porteiro
 Quem lhes ferã segundo, nẽ primeiro?

C

Hũ

25

Hum nobre *Dom Antonio Mascarenhã*
 Exemplo fiel de Portugal antigo,
 Que cõpete em cõstancia cõ as penhas
 Mais firme, quando vê maior perigo:
 Cuido, metrico ardor, q̃ te despenhas
 Sobejamente audaz, & a mim contigo,
 Se queres fazer copia epilogada
 De *Dom Antão*, & *Dom Luis d' Almada*.

26

Bem pode ser a fama testemunha
 Do que merece à Lusitana terra
 O generoso titulo de *Cunha*
 Sêpre dino de nome é paz, & é guerra:
 Para esta empresa deu *Simão da Cunha*
 E *Tristaõ*, & seu filho, em quẽ se encerra
 Grãde valor não menos em seu gẽro,
Rolim nos brios, se nos anos tenro.

27

Hum das batalhas singular corisco,
 Que mais violẽto ofed' ao q̃ he mais forte,
 Se mostra *Dõ Thomã*, & hũ *Dõ Frãcisco*
 De *Noronha*, q̃ excede as leis da Morte:
 Outro do mesmo nome maior risco
 Prometia a *Castella*; mas a sorte
 Este só lhe outorgou. O quanto perde
 Neste bizarro moço *Villaverde!*

Quand

28

Quando dos *Soufas* a dizer me incito
 Num *Tomé*, & num *Diogo* a qualidade,
 De seus merecimentos o infinito,
 O que he lisonja é outros, faz verdade:
 Porem de grande alento necessito
 Para cantar o esforço, & lealdade,
 Que *Dom Francisco* no que sabe, & oufa,
 Comunicou ao titulo de *Soufa*.

29

O que admirado as excellencias figo
 Dos *Meneses*, q̄ encôtro nesta empresa!
Dom Antonio Luis, & *Dom Rodrigo*
 Deu *Cantanbede* à esfera Portuguesa:
Dom Antonio rompeu todo operigo,
Dom Rodrigo a justiça faz Princesa,
 E *Dom Afonso* avêtajarse ordena
 A *Cesar* pela espada, & pela pena.

30

João Pinto Ribeiro, que conserva
 Com aplauso geral de todo o polo
 Os melhores tesouros de *Mjnerva*,
 As artes mais armonicas de *Apolo*:
 D'aquella estimação, q̄ afama observa
 Nas douradas areias do *Pactolo*,
 O preço abate: porque está primeiro
 A laureada opiniaõ deste *Ribeiro*.

C 2

Dom

31

Dom Alvaro d' Abranches, também chama
 Dino de grande musa meu cuidado,
 Mais linguas, maior voz quer dar á fama
 E ficar ao Tebano aventajado:
Francisco de Sampaio illustre rama
 De Villafior merece ser cantado
 Pelos grandes alentos, com que alcáça
 Muito na posse, muito na esperança.

32

Do Conde d' Atouguia eu asseguro,
 Que todo o mûdo admire, e não cõprêda
 Na idade verde aviso já maduro,
 Que junto cõ riqueza he maior prêda:
Dom Francisco Coutinho está seguro
 De que presuma alguém fazer cõtêda
 Co valor, que em seu animo reside:
 Emfim luz d' *Atouguia*, & de *Taide*

33

Ioão Rodriges de Sá, que a Real praça
 De Camareiro môr ocupa ufano,
 Em juvenil valor prudente enlaça
 Eroico esforço, engenho soberano:
 Armado tempestades ameaça,
 Galantê rouba as almas por umano,
 No saber ansiaõ, no ardor mancebo,
 Marte nas armas, nas sciencias Febo.

34

Dom Rodrigo da Cunha, que já estrago
 Foi dos ereges, & despois fosteve
 Do Porto alegre, & do de Calle o bago
 A seus merecimentos premio breve:
 Ainda na Primazia foi mal pago,
 Ainda a seu peito galardão se deve,
 Posto que goza em Vlisseas luzes
 A candida Tiara, & as duas Cruzes.

35

He magoa, que me oprime o sofrimêto,
 Não repetir de todos a memoria;
 Mas guarda a seu vivaz merecimento
 A trombeta immortal famosa istoria:
 Perdoem a ignorancia a meu accento,
 Que lhes não nega meu affecto a gloria,
 Nem meus versos pretêdem lisôjeiros
 Preferir aos segundos os primeiros.

36

Com estes, & outros, q̄ de igual nobreza
 São lustre, fez o numero ordenado
 Para ministros da maior proeza,
 Que sabem os anaes, o fiel legado:
 Estes em que fundou tanta grandeza,
 Convocou com sollicito cuidado
 Ao tēplo do Segredo: Elles não tardaõ,
 Seus passos seguê, seu decreto aguardão

C ;

Por

37

Por modo misterioso comunica
 O Segredo a seus peitos o decreto,
 Que em cada idea dos eleitos fica,
 Como nas aras immortaes, secreto:
 A admiração aplaude, & não implica
 Discursos no juizo mais discreto,
 Fazendo aquelles corações valentes
 Mais admirados, quãto mais prudêtes.

38

Alcãto Pinto Ribeiro se p. escreve
 O q se ha de observar na épica activa,
 A cujas ordêes obediencia deve
 Que mais discurso, & mais valor aviva:
 Da Lealdade obra foi, que nunca teve
 A maior sojeição por excessiva:
 E do sabio *Ribeiro* a graõ prudencia
 Bem merece dos fortes a obediencia.

39

Ficando em fim seus animos constantes
 Nas aras do Segredo, & a Deidade
 Traduzida a seus peitos vigilantes
 Por obra superior da Lealdade:
 A lustiça, & a Paz pelas radiantes
 Esferas tornão à immortal cidade,
 E os Eroes, q não tẽ no mûdo exêplo,
 Deixaõ alegres o sublime templo.

Era

40

Era do tempo na estacão ignava,
 Quãdo Quiron furtar ao Sol se atreve
 Raios de ouro, q̃ guarda para a aljava,
 Egasta liberal raios de neve:
 Quando as calendas decimas contava
 O circulo solar com luz mais breve,
 E quando em fim a Igreja repetia
 Vesperas certas do ignorado dia.

41

O Sol có força alegre mais, que activa,
 Na campina dos ares toca a guerra
 Cõtra a tirana acção da noute esquivã,
 Que lhe usurpa o imperio sobre a terra:
 As aves, que então cãtão, gritão: viva,
 Viva o Sol agradavel, que desterra
 As tiranias, com que a noute escura
 Mostra o terror, esconde a fermofura.

42

E ja os restauradores generosos
 Da Patria a seu valor agradecida
 Os peitos alentavão religiosos,
 Cõ o paõ, q̃ he penhor da eterna vida:
 Logo prudentemente valerosos
 Eroica esquadra em hũ affecto unida
 Para o Paço caminhaõ, bê q̃ armados,
 Mais em razão, q̃ em armas, cõfiados.

C 4

Nem

43

Nem callarei por singular empresa,
 Que maiores encomios merecia,
 D' hũa Eroica senhora Portuguesa
 O animo, o valor, a bizaria:
 No verdadeiro amor da Patria acesa
 A illustre mãi do Conde da Atouguia
 Os filhos com a propria mão armâra,
 E para a acção, que sabe, os exortâra.

44

Com divisão unívoca entretidos
 Andavão esperando a fatal ora,
 Na maior advertencia divertidos
 Não daõ que sospeitar a qué a ignora:
 Quanto mais espalhados, mais unidos,
 Pela Real estancia se melhora
 Seu partido incapaz de todo o medo
 Na observãcia inviolavel do segredo.

45

No sonoro metal, que o tempo mede
 Por circulos, & pesos governado
 Com artificio, que o violento impede,
 E com modo, que solta o moderado:
 Nove vezes a clausula succede
 Do ferro em movimento cópassado,
 Termo fatal para a maior façanha,
 Que cõta a patria istoria, né a estranha.

46

A còdem logo em individuo espaço
 A óde a Guarda Alemã a entrada sella
 Com solícito ardor ao regio Paço
 Pelo amor mais guardado, q̄ por ella:
 Cortase logo aqui oprimeiro laço
 Da servidão odiosa de Castella
 Ao som de hũa pistola, a cujo estouro
 Abrio a Liberdade seu tesouro.

47

Querem os Alemaés com cego brio
 As armas defender aos Lusitanos
 Ignorando o suave senhorio,
 Que o tẽpo lhe escódeu por tãtos anos:
 Alguns se rendem logo ao medo frio,
 E as costas voltaõ aos futuros danos,
 Mas outros atrevidos sem prudencia
 Emprendem temeraria resistencia.

48

O que mais contumaz na inũtil guarda
 Do bẽlico instrumento se exercita,
 Quãto mais ẽ renderse a Luso tarda,
 Contra si mesmo maior dano incita:
 Ganhoulhe a formidavel alabarda
 Francisco Branlão Freire, a que irrita
 Verse ferido jã; mas a ferida
 Paga o Alemão forte com a vida.

la Tristaõ

49

Ia Dom *Costaõ Goutinho* se embarça
 Com outro, que devalde se defende;
 Porque cõ elle o *Português* se abraça;
 E a suas forças o *Alemaõ* se rende:
Francisco de Sampaio tinha traça
 De dar a morte a outro, que pretende
 Resistir a seus brios atrevido;
 Mas elle achou fugindo bõ partido.

50

Com grão valor *Rui de Figueiredo*
 A hũ valente *Alemaõ* raio do Norte
 Ora provoca a ira, & ora a medo
 Com ameaços pallidos da morte:
 Este, antes de fugir, parte d' hũ dedo
 Cortou ao *Português* discreto, & forte,
 E logo o dedo aproveitou a istoria
 Para escrever á fama esta memoria.

51

Tomè de Sousa com esforço ardente
 Cõtra dous *Alemaes* a espada esgrime:
 O primeiro escapou por diligente,
 O segundo se rende a quem o oprime:
 O resto do esquadraõ, q as forças sête
 De *Luso*, & não té força, q o anime
 Contra o valor, a qué nenhũ se iguala,
 As armas deixa, & desempede a sala.

Neste

52

Neste tempo entoava o grave accento
 De Dom Miguel d' Almeida: LIBERDADE:
 Liberdade, tambem respóde o véto,
 Que em mil ecos repete a suavidade:
 Teve aqui a tirania seu torméto,
 Teve aqui sua gloria a lealdade,
 E a mesma voz nos ares repetida,
 Mortificando a hūs, a outros dà vida.

53

Entre tanto o esquadrão mais alentado
 Dos nobres, desprezâdo a menor presa,
 Passa ao Quarto do Forte, óde alojado
 O jugo está da gente Portuguesa:
 Este era da façanha o mór cuidado,
 Este era o mór perigo d' esta empresa;
 Aqui nũa cabeça consistia
 Todo o cego poder da tirania.

54

Estavas, ò Miguel, em vil soffego
 De Portugal gozando o verde fruto
 No cume da ambição soberbo, & cego,
 Que não cõsête o Ceo, q̃ dure muito;
 Do Guadiana ao Minho, do Mõdego
 Ao Tejo pretendias vêr enxuto,
 Esgotando tributos das ervinhas
 Com a sede immortal, q̃ delles tinhas.

Que

55

Quebrando os privilegios da Nobreza,
 E violando as leis da cortesia,
 Nem respeito guardavas à grandeza,
 Nem guardavas decoro à fidalguia:
 Chorando crueldades a pobreza,
 Sofr endo semrazões a valentia
 Tudo exprimiaõ, padecendo tudo
 Cõ brados, o sentir, & o sofrer mudo.

56

Na presumpção maior dos atrevidos
 Intentos, que te dava a confiança,
 Chegou dizêdo a fama a teus ouvidos,
 Que era Rei nosso o Duque de Bragãça
 Ficãraõ admirados teus sentidos,
 Ficou teu coração sem esperança:
 Com pena viva, & confiança morta
 Quiseste à morte ferrolhar a porta.

57

Mas *Pedro de Mendoça*, a quem devia
 Portugal grande parte d'esta empresa,
 Porque não descansando noute, & dia
 Foi Mercurio da gloria Portuguesa:
 Vendo, que o Vazconcellos se escõdia,
 Cõ alma em zelo, & em valor acesa,
 Porque a tardança obélhe não dilate,
 Com instrumento ferreo a porta bate.

Ren-

58

Rendeuse a dura tábua ao ferro durõ
 Impellido da força vigorosa,
 Viose o caminho a berto, & não seguro
 De turba de criados numerosa:
 Hum, que quis atalhar ao mal futuro,
 Com mão, mais que valente, receosa,
 Dispara hũa pistola, cuja bala
 Na mão a *Antonio Telles* assinala.

59

Não desanima o Porruguês ferido;
 antes com a ferida mais se alenta:
 Que o sangue illustre pela mão vertido
 Obrigações aos olhos representa:
 Elle, & os mais com animo atrevido,
 A fujentão a quem vedar lho intenta,
 Pela arrombada porta entrãõ logo
 Ameaçãõ aos côtrarios ferro, & fogo.

60

Foge correndo o numero covarde
 Vencido âres do medo, que da morte,
 lá não ha quem resista, nem aguarde
 Do fogo o tiro, nem do ferro o corte.
 Hũ, q̃ para correr acha, que he tarde,
 Quer voar da janela do alto Forte;
 Mas, sem q̃ alas de cera o folhe dome,
 Podia dar à terra novo nome.

Qua

61

Qual rebanho de ovelhas descuidado
 Cometido ao venavel pegureiro
 Pacendo a relva no viçoso prado
 Ouve o leão rugir nalgum outeiro:
 E do frio temor arrebatado
 Foge deixando o pasto lisonjeiro:
 Tal a timida esquadra se retira
 Antes da voz dos nobres, que da ira!

62

Desempedida a sala, & ja segura,
 Falta cumprir o principal intento:
 Ser autor delle cadaqual procura
 Com brio illustre, com fogoso alento:
 Aquem daria o fado esta ventura?
 Digao a Musa em mais sonoro accêto:
 Hũ sò a consegue; mas por varios modos
 Todos a buscaõ, & a merecem todos.

63

Tanto que o Vazconcellos vio quebrada
 A porta à cortesia nunca aberta,
 Quis escapar com alma perturbada
 A morte, que sò então teve por certa:
 A hũ lugar escondido se traslada
 Estancia a seus contrarios encuberta,
 Que não o achádo, julgaõ cõ dor alta
 (Ebé o julgão) q̃ o melhor lhes falta.

Ioaõ

64

Ioaõ Rodriguez de Sà, que generoso
 Fazer parelha ao das galès aspiras
 Como no tronco, & nome glorioso,
 No esforço singular, q̃ o mūdo admira:
 Ao peito de hũa escrava temeroso
 O que era zelo puro, ostenta em ira,
 Dizendolhe: õde està este mōstro ingrato?
 Se o não descobies logo, aqui te mato.

65

Teme o peito servil os ameaços,
 Que darião temor a hũ peito forte:
 Palpita o coração, caem os braços
 Da escrava, q̃ imagina certa a morte:
 E desatando mal da lingua os laços,
 Antes q̃ o chũbo ardente a voz lhe corte,
 Està; não dice, alli, muda co medo;
 Mas começa a palavra, acaba o dedo.

66

Estava à parte esquerda hũ dilatado
 Archivo de papeis, que recolhia
 As consultas, & oraculos do Estado,
 Compendio da maior secretaria:
 Este lugar ao Sà foi finalado
 Da escrava, a quem o medo tinha fria:
 Nelle està o Vazconcellos, nelle espera,
 Não fugir, dilatar a morte fera.

Mas

67

Mas *Aires de Saldanha*, que mais perto
 Acafo está da estancia demonstrada,
 Ao aceno da escrava acòde esperto,
 E abre a porta, q̄ estava mal fechada:
 Apenas vïo o Sà o archivo aberto,
 Quando correndo a elle se trasiada,
 E vê, q̄ entre os quadernos o inimigo
 Representa o delito, & o castigo.

68

Em breve instante a illustre fantasia
 Propoê ao Sà hũa dũvida galharda
 Entre a resolução, & a valentia,
 E quãto hũa o incita, outra o retarda:
 O nobre coração não permitia
 Matar a quem sem armas se acovarda,
 A Patria pede, que animoso o mate:
 Grande foi nesta dũvida o combate:

69

Venceu o amor da Patria ao pensamêto
 Do amor da propria gloria cobiçoso,
 Se bem assim vencido o nobre alento
 Mais glorias aquirio de vitorioso:
 Deu pois a mão illustre movimento
 A hũ raio artificial, que sonoro
 Espalhando relampagos na sala
 No triste Vazcõcellos cospe a bala.

Não

70

Naõ avia mister outra ferida
 Para exalar o espírito anelante,
 Pois da respiração, que anima a vida
 Esta sò foi estrago penetrante:
 Mas a inurbanidade mal sofrida
 De todos por injusta, & arrogante
 Como irritou a muitos, ainda a leança
 De muitos odio, còlera, & vingança.

71

Ainda o sangue vital lhe palpitava,
 Ainda defunto o corpo se não cria,
 Ainda o calor extrinseco durava,
 Ainda o frio mortal se suspendia:
 E já a valente esquadra o despenhava
 Do sublime aposento à terra fria:
 O misero escarmento da insolencia!
 O juizos da eterna Providencia!

72

Este, que nas bonanças de ventura
 Pretendeu excederse a si, & a ella,
 Este, que na soberba mal segura
 Factonte foi de Luso, & de Castella:
 Precipitado cae à terra dura,
 Achando apenas morto espaço nella,
 E onde foi adorado, & foi temido,
 Vem a ser desprezado, & abatido.

D

Este

73

Este, que ao Ecclesiastico legado
 Moveu com seus poderes dura guerra,
 Eo fez cair à terra mal tratado,
 Já sem vida, & sem onra cae à terra:
 A prenda aqui o soberbo, & confiado
 Nas auras da fortuna, quanto erra
 A presumpção de hũ cego pêsamento,
 Pois toda a pôpa humana he fumo, & vento.

74

Foi este precipicio delengano
 Vniuersal a todos igualmente,
 Que emmudeceu a voz do Castelhana,
 E as vozes animou da Lusa gente:
 Quebrou obrio a quem quisesse ufano
 Culpar resolução tão excellente,
 E acrecentou esforço a quem podia
 As vinganças temer da tirania.

75

Neste comenos *Dom Antão de Almada*
 Com *Dom João da Costa*, & com o *Mello*
 A Princeza de Mantua perturbada
 Segûraõ com sollicito desvelo:
 Confusa, receosa, & alterada
 Cria a vida pendente de hũ cabello,
 Bem que mostrando varonil jaçtancia
 Quãto mais teme, ostêta mais cõstãcia.

Mas

76

Mas elles reſpeitoſos ao direito
 Do ſexo feminino, & reſpeitoſos
 Ao ſangue Portuguêſ, q̃ aquelle peito
 Erdou de noſſos Principes glorioſos:
 Corteſes lhe prometem mais reſpeito,
 Do q̃ pode eſperar dos que queixoſos
 Sentem as ſemrazões, que a tirania
 Por mão d'eſta Princeſa cometia.

77

Tanto que o Vazconcellos deſpenhado
 Foi miſero eſpectáculo da gente
 Medindo o q̃ ha de injuſto a caſtigado,
 Eo que vai a abatido de inſolente:
 Na vingança mortal do vulgo irado
 Sentindo aquelle corpo, que não ſente,
 Toda a calamidade, toda a injuria
 Da raiva livre, da ofendida furia.

78

O fiel *Mascarenhas* animoſo
 Com o *Tello*, & com outros a cavallo
 Diſcorre por Lisboa vitorioſo
 Dizendo, & todos folgão de eſcutallo:
 Viva el Rei D^o IOA^o Quarto: Ao ſõ glorioſo
 D'eſta ditosa voz não ha vaſſallo,
 Que com reſolução leal, & altiva
 Mil vezes não reſponda: VIVA, VIVA.

Dz

Aflor

79

Aflor de Cantanhede com cuidado
 Dino de seu valor, & lealdade
 Acòde logo ao inclito Senado,
 Onde assiste o governo da cidade:
 O Conde, que preside, ouve admirado
 A relação da eroica novidade:
 Porque teve o segredo tal concerto,
 Que até do filho ao pai foi encuberto.

80

là no Senado a mesma voz se entoa
 Aos ouvidos de todos lisonjeira:
 là do Senado pelas praças voa
 Triunfando nas lisonjas verdadeiras:
 Aclamando a legítima coroa
 Dom Alvaro d' Abranches a bandeira
 Real arvora, a cuja vista o povo
 Rende nova alegria, a plauso novo.

81

là *Tristão de Mendocça* conduzia
 Hũa manga fiel de arcabuzeiros,
 Socorro, que a prudencia prevenia
 A qualquer risco aos outros cõpanheiros:
 Mas tanto amor, & tal concordia guia
 Os animos leaes, & verdadeiros,
 Que o que foi providencia cuidadosa,
 Veio a ser na occasião pompa ociosa.

Fim do Canto Segundo

CANTO TERCEIRO

¹
Restituido o Reino Lusitano
A aquella liberdade, e q̃ odeixara,
Quãdo o tributo satisfez umano
Henrique, & se passou à esfera clara:
Excluido o imperio Castelhana,
E sacudida a violencia rara
De seu jugo, não sendo impedimento
Armas, presidio, voz, nem pensamento.

²
Os nobres, porque o Reino não careça
De mão, q̃ as redeas tome à monarquia,
Porque não seja corpo sem cabeça,
Por q̃ não falte luz ao novo dia:
Elegêraõ governo, a que obedeça
O Reino que ditoso renacia,
Substituindo luzes a esta esfera,
Emquãto tarda o Sol, q̃ mais se espera.

³
A nobreza, o senado, & muita gente,
Que a justa aclamação trouxe consigo,
Concorrem com affecto diligente
A o sagrado Palacio do Rodrigo:
O governo lhe daõ, & elle contente,
Mostrãdo a todos o sembrãte amigo,
O governo aceitou, & sem tardança
Para o Real Palacio fez mudança.

4

Com a pompa, a que então dava licêça
 A suspensão do júbilo sagrado,
 Cõ que vingou o Nuncio por sentêça
 A audacia, com que fora desterrado:
 Benino, & agradavel na presença
 Procede entre infinitos o Prelado,
 Com cuja autoridade mais se anima
 O povo, que o venera, & que o estima.

5

Passando pela porta preciosa,
 Que ao melhor Portuguêz já foi Oriête,
 A aquelle, que fez Padua venturosa
 Elegendo em seus muros o Occidête:
 O sagrado Pastor a alma fogosa
 Sétio banhar no amor da Patria ardête
 Forçosa inundaçãõ do amor divino,
 Que o coração lhe abraça de continuo.

6

O passo suspendeu, & levantando
 As mãos, e os olhos à arvore escolhida,
 Em que morto pendia; mas triunfado,
 Quem nos cõprou à morte cõ a vida:
 Articulado a voz accento brando,
 Mas de veemente espirito nacida,
 Ao retrato de Deos Crucificado
 Assim fallou umilde, & confiado.

Piadoso

7

Piadoso Redemptor da liberdade
 Da Natureza umana, que foi presa
 Na masmorra tirana da crueldade,
 Em q̃ a culpa não tinha outra defesa:
 Vos vistes a mortal calamidade,
 Que padecia a gente Portuguesa
 Na masmorra cruel da tirania,
 De que livrar-se só por vos podia.

8

Por vos, em vos, cõvosco, é vosso nome
 Se principiou a empresa, q̃ inspirastes
 A este Reino fiel, para que tome
 O auspicio, cõque afavel o formastes:
 Profiga pois, Senhor, o auxilio, & dome
 A quem negar o escudo, que lavrastes:
 Empenho he do favor, q̃ ainda não cessa,
 O auspicio, quanto mais hũa promessa.

9

Callou. Mas (ò milagre soberano!)
 Da Cruz se descravou a mão direita
 D' aquelle omé divino, & Deos humano,
 A quem a fê amorosa foi accita:
 Se algué por pouco amor, ou muito égano,
 Que acaso a mão se descravou, sospeita,
 Advirta, que segunda vez cravada
 Segunda vez admira despregada.

D 4

Que

10

Que declarais à gente Lusitana,
 Senhor, em maravilha tão ditosa?
 Ou he, q̃ a esta obra, mais q̃ humana,
 A vossa mão pusestes poderosa?
 E se toda esta fábrica mundana
 Tão grande, tão illustre, tão fermosa
 Obra he do vosso dedo, de que modo
 Serà agora a que leva obraço todo?

11

Ou he, que a mão Divina ratifica
 O conselho dos òmens acertado?
 Ou he, que o vosso braço certifica,
 Que està à nossa defesa aparelhado?
 Ou he, que a vossa mão nos significa,
 Que o prazo venturoso he já chegado
 Da promessa, que fez ao Rei primeiro,
 E cõ o dedo o mostra è seu erdeiro?

12

Ou he, que este IOÃO vos representa
 A quelle Precursor Divino, aquelle,
 Que no Iordão co dedo vos ostenta,
 E Precursor quereis mostrarvos delle?
 E como a mão de glorias opulenta
 A aquelloutro assistio, lhe assiste a elle,
 E sendo Redemptor de todo o mûdo
 Mostrais a Portugal este segundo?

Ou

13

Ou he, que, restaurada a liberdade
 Da gente sempre vossa Portuguesa,
 Soltandose comnosco persuade
 Vossa mão, que cōnosco estava presa?
 Ou para dar o cetro, a magestade,
 E a coroa de Luso nesta empresa
 Ao nosso Rei DOM̄ IOÃO se embarço,
 Se solta vossa mão, se estende obraço?

14

Ou he, q̄ a mão direita, é que se encerra
 O piadoso tesouro da brandura,
 Misericordias abre à nossa terra,
 Que, porq̄ he vossa, as gozará segura?
 Ou he, que vossa mão nos desencerra
 Do carcere cruel, da prisaõ dura
 Do estranho jugo, & com favor suave
 Desprega a mão para voltar a chave?

15

Tudo ferà, Senhor, que tudo espera
 Este Reino fiel, que em vos confia:
 Pois o que em muitos anos padecera,
 Vossa mão lho restaura em hũ sò dia:
 Encontrenos embora quem se altera
 Fiado na paciencia, que em nos via,
 Pois temos vossa mão, q̄ omnipotente
 Assiste protectora à nossa gente.

Tomando

16

Tomando no favor do sacro braço
 Seguras melhorias de esperança,
 Procede o Arcebispo em breve espaço
 Para onde já o levava a confiança:
 Estava já o Primaz no Regio Paço,
 Com quem o de Lisboa sem tardança
 O q̃o estado das cousas mostra, & pede
 Consulta grave, diligente expede.

17

Iã *Dom Gastão Coutinho* nesta ora
 Em companhia de *Aires de Saldanha*
 Ao Senado de Astrea, que o ignora,
 Tinhão denunciado esta façanha:
 A fortuna dos presos se melhora,
 Que cadaqual a aplaude, quãto a estranha:
 Pois para ser geral felicidade
 A todos selles dêrão liberdade.

18

Iã atravessando as Praças de Lisboa
 De quatro filhos seus acompanhado
 Com grãde alento à mesma voz entoa
 Sem temor o zeloso Maldonado:
 Onde d' esta ventura o clamor soa,
 Vem a ser eco o gosto, que espalhado
 Em repetidas vozes tem aumento
 Formando mil accétos cada accento.

12

19

Ià pacificamente obedecida
 A legitima voz do Lusitano,
 Ià dos muros de Vliffes excluida
 A voz prejudicial do Castelhana:
 Ià a Republica toda reduzida
 A hũ vinculo, a hũa paz, a hũ deségano:
 Efeitos, que admirou a voz sonora
 Da fama vaga em pouco mais d' hũa ora.

20

Logo em asas, que Amor formado tinha,
 Parte Jorge de Mello alvoroçado
 A dar ao Duque aviso, que convinha
 Virse apossar do Reino restaurado:
 Pelas estradas voa, & não caminha;
 Mas do mesmo alvoroço estimulado
 Lhe afigura o desejo, & a esperança
 No andar priguiza, & no voar tardãça.

21

Iãz à parte inferior do meio dia
 Junto a Villaviçosa (nobre assento
 Dos Duques) hũ brenhal, que desafia
 No arvoredos o estrellado firmamêto:
 As boninas, a fruta, a montaria,
 As aves, & a frescura ao opulento
 Sirio dão tal valor, que nelle a Aurora
 Sempre a Diana vê, Pomona, & Flora.

A idea

22

A idea, que a petece amenas flores,
 Goza nelle jardins sempre floridos:
 A que se inclina aos passaros cantores,
 Acha doces lisonjas dos ouvidos:
 A que da imagẽ dos marciaes ardores
 Se paga, tem nos bosques repetidos
 O touro, o lobo, o javalí, o veado:
 A TAPADA se chama este cercado.

23

Na imitação de Marte generosa
 No montaraz limite da Tapada
 Passava ociosidade laboriosa
 O Duque em vigilancia descuidada:
 Aqui seguia a lebre, que medrosa,
 Quanto mais do temor se vê turbada,
 Tanto mais desafia, & vence o vento,
 E antes a alcãça o cão, que o pêsamêto.

24

Aqui o ligeiro cervo, a quem calçara
 Afas o medo, a diligencia esporas,
 Obedece ao seu raio, & morto para
 Depois de fatigado muitas oras:
 Aqui do javalí a fereza rara,
 Que umedaceu de Venus as auroras,
 Deu a Venus vingança, & desengano
 De maiores vitorias ao Tebano.

A qui

25

Aqui soltando o aqor, q̄ mais se empina,
 Por pirata das aves o conhece,
 Que discorre a diáfana campina
 Dos ares, & com roubos se enriquece:
 Já sobe exalação, já se fulmina
 Raio sobre toda a ave, que apparece,
 Atè que torna ao Laço, que o oprime,
 Onde goza o descanso, & paga o crime.

26

Em tal occupação, em tal cuidado
 Por violencia da sorte se incluía
 O espirito Real, que destinado
 Naceu para reger a monarquia:
 A qui se achava, quando já passado
 O meio tinha o Sol da eterea via;
 Mas o *Mello* me chama, é q̄ ainda vejo
 Alas no amor, esporas no desejo.

27

Chega em fim à Tapada, antes q̄ a fama,
 Por mais que a fama diligente seja:
 Vede o que corre quem de veras ama!
 Vede o que desconfia quem deseja!
 Ante o Duque prostrado Rei o aclama,
 Sálvalhe a Magestade, a mão lhe beja,
 Refèrelhe o successo, ajunta o rogo,
 Que venha para nos, que venha logo.
 Não

28

Não se vio naquelle animo constante
 Seguirse alteração à novidade,
 Nê mudar-se o já d'antes Real sêbrãte
 Co titulo da nova o Magestade:
 Mas fazendo, que o *Mello* se levante,
 De alvíceras, & premio da lealdade
 Lhe dà por joia, & por preciosos laços
 Benigno o coraçã, & umano os braços.

29

Com o *Mello* tambem nesta embaxada
 Foi *Pedro de Mendocça*, que acredita
 O amor na diligencia alvoroçada,
 Que com a mesma fê seu peito incita:
 Com igual pressa fatigou a estrada,
 Igual contentamento, o sollicita,
 Com igual lealdade ao Rei venera,
 E o Rei com premio igual o remunera

30

Vai el Rei para o Paço sem tardança,
 Onde em lugar secreto retirado
 Ao Ceo, que satisfez sua esperança,
 Rende agradecimentos umilhado:
 Logo à suave esposa, a quem *Bragãça*
 Aurora foi do Reino restaurado,
 Comunica a ventura, que percebe,
 E dando hús parabens, outros recebe.

Sem

31

Sem esperar, que torne a luz futura,
 Que ha de dar esplendor ao novo dia,
 Sem nova affectação de compostura,
 Co a mesma, cõque o monte discorria:
 Porque a pessoa em seu valor segura
 Em si, que não nas galas; se confia,
 A mante da Rainha se despede,
 E pouco acõpanhado a estrada mede.

32

Os Campos, que Excelléte o venerarão,
 Ià agora o solenizão Magestoso,
 E se d' antes desejos tributarão,
 Ià agora vem o efeito venturoso:
 Os povos em aplausos lhe declararão
 Mil efeitos de amor affectuoso:
 Tudo o amor Lusitano lhe oferece,
 Tudo oque elle nos ama nos merece.

33

O quinto Sol contava já Lisboa,
 Depois da aclamação maravilhosa,
 Que o cetro restituira, & a coroa
 A digna mão, á frente generosa:
 A mesma voz em seu distrito soa
 Aplaudida, suave, & sonora,
 E sò por complemento lhe faltava
 A presença do Rei, que desejava.

E antes

34

E átes que o Sol (q̄ então vinha escóddido
 Por ceder a outro Sol, q̄ mais se espera)
 Ao limite chegasse mais subido,
 Donde reparte a luz da clara esfera:
 O Sol de Portugal esclarecido
 Rópendo o denso orvalho, q̄ se altera
 Ou de gosto, ou de éveja de seus raios,
 Rompe das saudades os desmaios.

35

Se entre mil esperanças o desejo
 Em incendios de amor sacrificado
 Fazia, que chorasse o claro Tejo
 Os efeitos de ausente magoado:
 Agora, que o possue, agora o vejo
 Pela arenosa praia dilatado,
 Que trásformádo em pérolas o choro
 Lhe oferece de Ninfas bello coro.

36

Precedendo o desejo, & a esperança,
 Que o gosto agrandes júbilos convida,
 Para que creça o bé, que Lísia alcáça,
 Não foi sua chegada prevenida:
 Desmentindo rigores da tardança,
 Que veio a ser ditosa desmentida,
 Sahio então por venturoso oposto
 Da sombra a luz, da saudade o gosto.

Com

37

Com voz alegre pede logo a fama
 Por infinitas bocas dilatada
 Ao povo, q̃ o celebra, quãto o ama,
 Alviceras alegres da chegada:
 D' esta ditosa voz foi eco a chama
 Do côncavo metal desençada,
 Que no Castello em repetido accento
 Foi luminoso escandalo do vento.

38

Concurso innumeravel convocado
 Do gosto, & do alvoroço de repente
 Traz o amor cõ solícito cuidado,
 Que dilacões da vista não consente:
 Não se escusou idade, nem estado
 De acodir com affecto diligente
 Ao Paço. E quem na pressa se melhora
 O alvoroço lhe calça aguda espora.

39

Ià na Real estancia não cabia
 A multidão, que alegre corre a ella,
 E com vozes amantes lhe pedia,
 Que faça claro oriente hũa janella
 Não he tão celebrado o novo dia,
 Quãdo o Sol vê seguindo a Aurora bella,
 Como o Rei, q̃ gozou mais doce salva,
 Que das ayes o Sol, das flores a Alva:

E

Mani

40

Manifestando a todos aplaudido
 Em luz geral favores singulares,
 Dos nobres se conhece mais querido,
 Mais amado se vê dos populares:
 Cadaqual se imagina seu valido
 Desmêtindo a opiniaõ de algũs vulgares,
 Que cuidaõ, q̃ por ser hũ Rei benino,
 Deslustra em ser umano o ser Divino.

41

Desengãnese a cega vaidade,
 Que presume valer por jaçtanciosa,
 Crendo, que diminue autoridade
 A mostra da clemencia generosa:
 Que entãõ se abona mais a Magestade,
 Quando trata os umildes amorosa,
 E menos feliz vive em todo o estado
 Quê quer viver temido, mais q̃ amado.

42

Emquanto solenizaõ em Lisboa
 As venturas do Reino, que floresce,
 Onde dos corações tecem coroa,
 Que Amor agradecido lhe oferece:
 Aquelle monstro, que é mil afasvoa,
 Aquelle, que em mil linguas encarece
 O falso, & certo em bra dos repetidos,
 Aquelle, q̃ he todo olhos, todo ouvidos.

43

A Fama, digo, voa, & com voz clara
 O Portuguêz distrito corre, & gira,
 E o successo magnifico declara,
Que todo o Reino aplaude, quãto admira:
 Aqui passa depressa, & alli para,
 Dúvida aqui, & alli certeza inspira,
 E dando suspensão, & gosto a todos
 Hú sò caso refere por mil modos.

44

Pensão a cousas grandes repentinas
 De incrédulo tributa o pensamento,
 E mais quando parecem peregrinas
 Do que pode caber no entendimento:
 Quem poderia crer, q̃ as santas Quinas,
Que unio a sorte ao vinculo violento
 Dõ estranho jugo, quãdo mais atadas,
 Se vissem facilmente libertadas?

45

Mas he tal dos desejos a eloquencia,
 E dão à idea tal capacidade,
Que vem a persuadir por evidencia
 O q̃ o discurso faz difficuldade:
 A mais irresoluta contingencia
 Sò foi até a certeza da vontade
 Do novo Rei, mas tanto que a entêde,
 Sua voz segue, sua acção defende.

E 2

la

46

Já Santarem o aclama, já Leiria
 Por Rei o reconhece, já o Mondego
 As Musas em Coimbra desafia,
 Cujá torre fundou Ercules Grego:
 Já o Porto em seu louvor corêas guia,
 Já Braga, já Viseu, & já Lamego
 Emulas no primor da lealdade
 Lhe consagraõ fizeis a liberdade.

47

Já Miranda os seus montes matricûla,
 Quâto mais os seus filhos, na badeira,
 Que em nome de seu Rei o véto adûla
 Nûca nas marciaes glorias derradeira:
 Já Bragança em seu titulo acumûla
 O titulo Real à voz primeira:
 E já a Guarda, que nunca se acovarda,
 Seu nome a clama, & seus decretos guarda.

48

Já sem pavor repete sua gloria
 Evora, que a aclamou anticipada;
 Elvas a segue. Em Bêja tem vitoria
 A acção, q̄ foi primeiro mal lograda:
 Já Portalegre faz alegre istoria
 Cõ a empresa a seu nome acomodada:
 Já o Algarve ameaça a Espanha estragos
 Em Silves, e Tavira, em Faro e Lagos.

49

Iã os presidios, que as forças guarneciaõ
 Do Reino com o nome Castelhana,
 Porque da repugnancia pouco fiaõ,
 Se rendem ao imperio Lusitano:
 Não resistem, não tardaõ, não porfiaõ,
 Não pròvaõ o rigor, não vem o dano
 Da fome, né da guerra; mas rendidos
 Pedem ao vencedor brandos partidos.

50

Iã a Fama, não cabendo no distrito
 Da Lusitana terra, passa avante,
 Soa em Castella seu fogaoso grito
 Deixando todo o peito palpitante:
 O pãllido temor se mostra escrito
 Nunca dissimulado no sembrante
 De todos, & já cuidaõ, que sem falta
 O Lusitano Rei Castella assalta,

51

O medo, a confusão, a novidade,
 Comque suspende tão fatal successo,
 Diversos pensamentos persuade
 Na memoria, em q̃ fica mais impresso:
 A mesma emulação, que da verdade
 Fugir não pode, com vistoso excessso
 Confessa por acção justificada
 Acoroa de Luso libertada.

E;

Passou

52

Passou os Pireneos a fama activa,
 Depois de dar a nova em Catalunha,
 Que aprovou os efeitos compassiva,
 Como de muitas causas testemunha:
 Estendese por França, onde deriva
 Da causa, cõ q̃ Frãça a espada epunha,
 Novas abonações, certa esperança
 Da confederação de Luso, & França.

53

Os Alpes, que gigantes são de neve,
 Passa veloz, no antigo Lacio para,
 Onde tem geral mádo em termo breve
 Feita de tres coroas a Tiara:
 Nesta acção Lusitania mais lhe deve,
 Porque de modo sua acção declãra
 Ao sũmo Vice-Deos, q̃ ouvindo a nova
 Benino a admite, quãto justo a aprova.

54

Logo voltando o giro ao Occidente
 Discorre pelas ilhas do Oceano,
 A terra visitou do Ingrês valente,
 Que antepõe Portugal ao Castelhanao:
 D' aqui gira com voo diligente
 Os estados de Olanda, o imperio Dano,
 E torna para o Austro mais ligeira
 As ilhas dos Açores, & à Madeira.

Na

55

Na Africa Tingitana o chegar tarde
 Ocasiaõ foi de ser menos aceita,
 Porq̃ hũa astucia maquinou covarde
 Engano a Tânger, confusaõ a Ceita:
 E foi assim: Que ao Portuguêz alarde
 O Castelhana escreve, que sospeita,
 Que em Portugal estava rebellado
 Algum povo, que dà pouco cuidado.

56

Mas diz, q̃ équãto acõde a darlhe a pena
 Dina da rebelliaõ (sendo o contrario)
 A Ceita, & Tânger lisonjeiro ordena,
 Que peça a Gibraltar o necessario:
 Dar crêdito a mentira tão serena
 Foi erro; mas não foi mui temerario:
 Crêrão pois a Castella: q̃ a não crella,
 A voz não seguirião de Castella.

57

Com tudo a Mazagão não pode a fama
 Negar ou mais amor, ou mais prudêcia,
 Pois quãdo Espanha ao mesmo risco o chama,
 Mais constante esperou pela evidêcia:
 Concêdase a *Martinho* illustre rama
 De *Correia*, & de *Silva* esta excellencia:
 Pois estando de Luso em mór distâcia,
 Teve melhor acerto na constancia.

E 4

E se

58

E se me dà lugar o amor paterno,
 Sem que fique o louvor nelle sospeito,
 Ao *Silva*, que merece nome eterno,
 Companheiro darei no eroico feito:
 Possua o *Silva* a gloria do governo,
 Mas *Lopo Enriquez de Guzman*, q̄ opeito
 A prudencia, & valor deu por espelho,
 Participou da gloria no conselho.

59

D'aqui deixando atrás o Atlante Mouro,
 Que ao môte nome deu, & ao mar salgado,
 Prosegue a mesma Fama é giros d'ouro
 Contra o Austro seu curso acelerado:
 A America opulenta, que he tesouro
 Do sol, que grande tempo foi vedado,
 Obliquando a carreira para o Ocaso,
 Alegria referindo o illustre caso.

60

D'esta, que antigamente foi chamada
 Terra de Santa Cruz, & se dilata
 Do Oceano Etiopico lavada
 Do rio Maranhão até o da Prata:
 Continuou a Fama outra jornada
 Para as partes da Aurora, onde relata,
 Que livre está da maquina Espanhola
 O grande *Monicongo*, a rica *Angela*.

Logo

61

Logo vai costeando o Oceano,
 E Porque mais aplausos comunique,
 Faz, que o graó Promótorio Africano
 As boas esperanças verifique:
 O triunfo do Rei novo Lusitano
 Com alta voz pregôa em Moçambique,
 Em Quiloa, & Melinde, & proseguindo
 Dizé, q̃ o Ganges vai ganhar, & o Indo.

62

O que mais acredita de admirado
 A Fama divulgando a acção, q̃ espáta,
 He o segredo entre tantos inviolado,
 E a paz, que conseguiu empresa tãta:
 Cesse todo o triunfo celebrado,
 Que o mundo soleniza, escreve, & cáta:
 Que não ha relação, nem ha memoria,
 A que a fama tribute tanta gloria.

Fim do Canto Terceiro.

CANTO QVARTO

I



M quãto cõ trombeta sonora
De Reino é Reino vai, de gēte é gēte
A fama d'esta empresa gloriosa
Com opiniaõ de justa, & de prudente:
Decima quinta vez a Alva fermosa
Sahio pelas varandas do Oriente
Preparando alcatifas de escarlata
Ao Sol, q̃, quãdo as goza, lhas desfata.

2

Achou já no crepusculo do dia
Hũa fãbrica excelsa edificada
Lunto ao Paço Real, que competia
Com o trono do Sol por adornada:
Vendo o Sol, que em esmaltes o vécia
A rica guarnição multiplicada,
Se escódeu de arrufado, ou de corrido
De vêr, que não sahira tão luzido.

3

Formãrase hũ teatro espacioso,
Cuja quadrangular architectura
Capaz de ajuntamento numeroso
Igual ao Regio Paço era na altura:
O pavimento estava tão lustroso,
Fazendo de ouro, & purpura mistura,
Que o que nelle alcatifa se ponde ra,
Podia ser docel na clara esfera,

4

Os extremos da Quadra guarnecião
 Grades com balaustes argentados,
 Donde por fõra liberaes pendião
 Paveses de riquissimos brocados:
 Assentos convenientes se seguiaõ
 No circũito aos Nobres, & Prelados,
 E tudo por ornado, & bem composto
 Ostentava triunfo, pompa, & gosto.

5

Da parte occidental se levantava
 Sobre degrãos hũ solio, cujo assento
 Na opulencia, & no culto aventajava
 A quanto no teatro era opulento:
 O docel magestoso, que se armava
 No frontal do magnifico aposento,
 Brilhava com taõ grãdes resplandores,
 Que não deixava a luz vêrêse as cores.

6

A Iustiza neste acto executada
 Mostra à parte direita segurança,
 Com hũa mão levanta a recta espada,
 De outra lhe pède a intrépida balança:
 Da parte esquerda esta igualmête ornada
 A Prudencia ostentando confiança
 Nas serpes, que sojeita fugitivas,
 Mortas no obsequio; mas no aspectõ viva

Em

7

Em contorno da fàbrica pomposa
 Galante assiste militar alarde
 Mais para pompa da facção gloriosa,
 Que por ser necessario, que se guarde:
 Tantoque chega a ora venturosa,
 Que a tantas esperanças chegou tarde,
 Começarão de entrar sem preferéncia,
 Os que conduz o officio, ou a eminência.

8

Entrarão os Prelados, cujo officio
 He ser no Ceo da Igreja resplandores,
 Temperança do mundo no exercicio,
 Fruito nas obras, na apparencia flores:
 Dar à virtude exemplo, freio ao vicio,
 E tendo vigilancia de pastores
 Desvelar-se zelosos sobre o gado,
 Que Cristo cometeu a seu cuidado.

9

Seguiu-se logo o Estado da Nobreza,
 Em quem vistosamente competia
 Nas galas curiosas a riqueza,
 Nos corações illustres a alegria:
 Ornado de sciencia, & de inteireza
 Hũ, & outro Senado entrar se via:
 Este, que Astrea nos restaura eterna,
 E aquelle, que a Política governa.

Depois

10

Despoisque em tantos raios hũa Aurora
 Composta de escolhidos resplandores
 Foi Portugal neste acto, é q̃ melhora
 As luzes, que eclipsãraõ vis temores:
 Sahio o Sol na mais ditosa ora,
 Em q̃ a salva gozou de aves, & flores,
 O Rei digo, ditoso, & desejado
 Ao legitimo solio restaurado.

11

Dos ombros a Real opa lhe pendia,
 Que Milão lhe teceu, bemq̃ ignorãte,
 Que o seu brocado fosse neste dia
 Parte de gala ao Portuguêz triunfante:
 No mais vestido em competêcia ardia
 O rubi, a esmeralda, & o diamante,
 Em cuja luz a admiração observa
 Os melhores trabalhos de Minerva.

12

No sembrante competem igualmente
 (Dotes Reaes) Amor, & Magestade,
 Cujã evidencia a opiniaõ desmente,
 Que ser incompativeis persuade:
 Nem encontra o benino ao eminente,
 Nem o grave desfaz na humanidade,
 Antes tem esplendor quasi divino
 Unido o soberano, & o benino.

Tanto

13

Tanto resplandecia o soberano,
 Que quẽ entre outras luzes lhe pusera
 Os olhos, sô o invicto Lusitano
 Por dino da Coroa conhecera:
 Tanto amor grangeava por humano,
 Que, sendo a Magestade tãõ severa,
 Produz nos corações igual efeito
 O amor ardente, lûcido o respeito.

14

O augusto solio ocupa, onde enriquece
 Os animos de gosto, & de esperança,
 Que é louros sêpre verdes nace, & crece
 Sendo a glorias futuras segurança:
 Aqui o Sã de joelhos lhe oferece
 No cetro grãõ penhor de confiança,
 Grãde porq̃ este cetro ao novo erdeiro
 Se reservou del Rei DÓLOAD Primeiro.

15

Despois que já por ordem conveniente
 Ocupado se via todo o espaço,
 O silencio admirado, & reverente
 Asas deu ao discurso, às vozes laço:
 E *Francisco d' Andrada*, q̃ eloquente
 A retorica ampara com hũ braço,
 E com outro a justiça, em grave accõto
 Orando suspendeu o Ajuntamento.

Sabado

16

Sabado(dice) ò Rei, ò justo emprego
 Do amor, da estimação, & da esperãça
 Do Reino Portugnês, que estava cego
 Carecendo da luz, que em vos alcãça:
 Quando a deixar o tímido sossego
 Nos provoca hũa prospera lembrança
 De nossa redempção, dia primeiro
 No mês de nossos anos derradeiro.

17

Acordou a Nobreza Lusitana
 Do Letargo fatal da sôbra fria,
 Comque nessa Noruega Castelhana
 Sessenta anos foi noute a tirania:
 E sacudindo a servidão tirana,
 Despriguçou a voz avalentia,
 Rôpendo a luz d' aquellas trevas parto
 Na aclamação del Rei DÓ IOÃO o Quarto.

18

Principiado em poucos este accento
 Se proseguio em todos tão constante,
 Que pareceu antigo o pensamento
 Ainda nos q̃o conhecê mais flamante,
 Com cem vozes, cé boeas, linguas ceto
 Não avera quẽ diga, nẽ quem cante
 O aplauto universal, a lealdade,
 Com q̃o Reino aprovou tal novidade.

Neste

19

Neste acto novamente consagrado
 Para confirmação de tanta empresa,
 Em que de novo pede cada Estado,
 Que aceiteis a Coroa Portuguêsa:
 Nem ha novos affectos do cuidado,
 Né fê, q'já de amor não venha presa;
 Porem cumprimos os Reaes primores
 Do costume louvavel dos maiores.

20

Satisfazendo pois ao rito justo,
 Que a âtiguidade usou, vos aclamamos
 De novo, ò augusto Rei, por Rei augusto
 Por tal vos conhecemos, & juramos:
 Com inviolavel fê, & amor robusto,
 Com sacramento candido vos damos
 A omenagem constâte, que de novo
 Vos promete a Nobreza, o Clero, o Povo.

21

E posto que advertidos conhecemos,
 Que era escusado o vosso juramento,
 Porque de vosso amor certeza temos,
 Que se jurar responde ao nosso intento:
 Por força do mesmo uso pretêdemos,
 Que vos obrigue o mesmo sacramêto
 A nos guardar os foros, q' guardarão
 Os Reis, que esta coroa vos ganhãrão.

E cre

22

E crede, Portuguezes generosos,
 (Vos o sabeis, & o tempo o persuade)
 Que não ficais ao mundo sospeitosos
 Da menor quebra em vossa lealdade:
 Antes restituistes justicofos
 Ao legitimo Rei a magestade,
 Que vossos pais vencidos da violencia
 Rendêraõ aos poderes da insolencia.

23

A qui com relação mais erudita
 O Portuguêz Vipiano, em cujo peito
 Astrea inviolada deposita
 O tesouro da sciencia mais perfeito:
 Jurisconsulto, & orador recita
 O fundamento, as causas, & o direito
 Da acção, que sendo já justificada,
 Ficou por seus encomios mais ornada.

24

Repete a presumpção da tirania,
 Que intrusa o diadema violentava,
 A cuja cobiçosa idropesia
 Davão sede os tributos, que esgotava:
 Prova, que a Lusitana monarquia
 Na peregrina mão cativa estava,
 Fundando o Castelhana a preferencia
 Não já na alma da lei, mas na violência.

F

Allega

25

Allega com exemplos verdadeiros,
 Que é Portugal a hũ Rei outro succede
 Por modo de legitimos erdeiros,
 Não como nos morgados se procede:
 Refere de Reis proprios, & estraçeiros
 Casos illustres, que prudente mede
 Cos termos, q̄ adequados determina
 Nas cauſas de Filipe, & Caterina.

26

Conſecutivamente ſignifica
 Das representações a qualidade,
 E aos privilegios, que pondera, applica
 O que mais obſervou a antiguidade:
 Eloquentemente propoem, diſcute, explica
 Tão claro o caſo, a dũvida, a verdade,
 Que pode perceber ſua elegancia
 Não ſo já a diſcrição; mas a ignorácia.

27

E proſegue dizendo: Logo he claro,
 Que Portugal podia, & que devia
 Para tanta oppreſſão buscar amparo,
 E tornar a ſeu cetro a monarquia:
 Agora pois, que chega, ò Rei preclaro,
 Tão deſejado, & tão ditoso dia,
 Em que ſeus danos Portugal exclũe,
 E em que o cetro fatal vos reſtitũe.

Agora

28

Agora recebei a restaurada
 Coroa dinamente restituida
 Nos corações primeiro fabricada,
 Que a vossa Real fronte oferecida:
 O espirito, o amor, a voz, a espada,
 O patrimonio, a fè, o decoro, a vida,
 Tudo, quanto podemos, & valemos,
 Para vos defender oferecemos.

29

Porq̃ estamos seguros, que êtregamos
 A liberdade a hũ Rei, que sem cobiza
 Hade reger as redeas, que lhe damos
 Do Reino, com piedade, & com justiça:
 Os danos, que atê agora so portamos,
 Da âbição, do respeito, & da injustiça,
 Cõfiados cremos, q̃ hade restaurallos
 Hũ Rei, q̃ hade ser pai de seus vassallos

30

E com maior razão de vos se espera,
 O generoso Rei, esta façanha,
 Em quem a inclinação se considera,
 Que é Reis vossos Avòs não foi estranha:
 E em qué na acção presente se pôdéra
 O q̃ perde os imperios, & o q̃ os ganha:
 Pois perdendo Felipe por tirano,
 Vos, Senhor, o alcançastes por humano.

F 2

Vivei

31

Vivei pois, imperai, reinai ditoso,
 E lograi a coroa restaurada
 Por séculos, que excedão do envejoso
 A raiva, q̄ em si mesma he castigada:
 Eternize-se o tronco glorioso
 Com rama taõ felice, & celebrada,
 Que vossa decêdêcia iguale é glorias
 De vossos ascendentes as memorias.

32

Callou. E com estilo diferente
 O aplauso proseguio mais dilatado
 Em huns com as palavras eloquente,
 Com o silencio em outros admirado:
 Logo com cerimonia competente
 Ao acto ao juramento destinado
 O estilo se observou, que Luso aprova
 Na aclamação dos Reis, quãdo os renova.

33

Resplandecen, por certo, o soberano,
 Quando aqui tanto de modesto teve,
 Que declinou o Marte Lusitano
 A esfera (a nosso ver) umilde, & breve:
 Que, se o Pontifical se mostra humano,
 Posto que a sã veneração lhe deve,
 Grande modestia foi, grande piedade
 Prostrarse ante o vassallo a magestade.

O insigne

34

O insigne Dom Rodrigo respeitoso
 Ao Rei, q̄ assim prostrado se apresêta,
 Quâto, como òmê, teme o magestoso,
 Já, como Vice Deos, tanto se alenta:
 Eo grande Português, que religioso
 No Arcebispo a Deidade representa,
 Com animo Real, com fê segura
 As leis de Portugal confirma, & jura.

35

Em continente deu aplauso ao vento,
 E festivo terror salva pomposa
 De Apollo com armonico instrumêto,
 De Marte com lisonja bellicosa:
 A alegre confusão de cada accento
 Repetiaõ os ecos mais gloriosa
 Misturada com vozes excessivas
 De immêses parabês, de eternos vivas.

36

Onde acabou do estilo Lusitano
 A ultima cerimonia satisfeita,
 E onde se renovou o gosto ufano,
 Que reparte a lealdade, o amor aceita:
 Para acto mais Divino, & mais humano
 Principio deu a Religiaõ perfeita:
 Que de humano, & Divino se ênobrece
 Quê, quâto mais logrou, mais agradece.

F 2

O Rei

37

O Rei com os vassallos competia
 A quem deixara o Ceo mais obrigado,
 Se restaurando ao Rei a monarchia?
 Se dando ao Reino tão ditoso estado?
 Quanto mais indecisa està a poezia,
 Tãto mais cada qual està empenhado:
 E para o desempenho foraõ traças
 Do Amor solicitar acção de graças.

38

Iã do teatro para à Sé formara
 Hũ bizarro esquadrão rua vistosa,
 Que resplandece com as armas clara,
 E com galas diversas luz fermosa:
 Alegre ostentaçãõ, que preparara
 O affecto mais, q̃a prevençãõ medrosa:
 Que destas glorias o immortal objecto
 Nunca foi o temor, senão o affecto.

39

Catálogo espaçoso solicita
 O numero dos nobres, que dilata
 A ostentaçãõ do triunfo, que infinita
 As estrellas excede, se as retrata:
 A riqueza desprezos facilita
 De pèrolas, & pedras, de ouro, & prata:
 Que ficãõ das estrellas superiores
 As que à vista do Sol tem resplãdores.

Mas

40

Mas não pode abarcar, minha harmonia,
 Por mais que se desvele meu cuidado,
 O numero de luzes que à profia
 Toda a gala do Sol tem conquistado:
 Primeiro comporà as oras do dia
 Descansando no mar Febo dourado,
 Que eu possa relatar, por mais q̄ cante,
 O numero dos Nobres elegante.

41

Com tudo não se deve gloria tanta
 A aquella, que jamais ruinas teve,
 Porque nunca da terra se levanta,
 Como a aquella, q̄ voa, & q̄ se atreve:
 Atrever he valor. Quem sempre canta
 Seguro, pouco premio se lhe deve,
 Qué se expoê ao perigo aspira à gloria
 Pelos arduos caminhos da vitoria.

42

Anime-se p̄r tanto meu alento,
 E alguns Titulos cante generosos,
 Que ennobreção cantados meu accêto,
 E deixem os antigos envejosos:
 Eos que neste das Musas firmamento
 Sentirem, que não luzem tão lustrosos,
 Como merecem, culpé meu engenho,
 Não a vótade, que em seu cáto épenho

43

Fernão Telles da Silva permitia
 Adulações do vento na bandeira
 Real, & Alferez mór ennobrecia
 De tanta Dinidade a luz primeira:
 Aprendiaõ aplausos de alegria
 Do *Gama* illustre Sol da *Vidigueira*
 A *Aurora* toda, todo o Sol ardente,
 Porque trazia em si todo o Oriente.

44

O *Conde de Redondo*, o grão *Coutinho*,
 Que Cõde pode ser da redondeza,
 A grandes digressões abre caminho
 Aquem quiser louvar sua grandeza:
 Pois o de *São Miguel*, que já do ninho
 Trouxe d'aguia o valor, d'aguia a nobreza:
 Não he tão admiravel, q' o Sol veja,
 Como q' não se eclipse o Sol de enveja.

45

O *Conde de Monsanto*, que afillado
 Das *Carites* nasceu, vê taõ bem posto,
 Que se admira no custo o bẽ ornado,
 Deleita o inventado no bom gosto:
 Bizarro o *Conde d' Arcos* vinha ao lado
 De seu avô o *Vizconde*, que no posto
 Do *Tribunal maior* abona a estima
 Da prudencia, & do título de *Lima*.

46

Ao Conde da Atouguia não iguala
 A Ave, que ninho tem na luz do dia,
 Porque na ostentação de tanta gala
 Arabia mais feliz foi a *Atouguia*:
 O da *Calbeta* juntamente abala
 Com sua gentileza, & harmonia,
 Admiração total de qualquer polo,
 A Venus para o ver, a ouvillo Apolo.

47

O *Senhor da Ericeira* tão galante
 Nas repetidas joias, como altivo,
 Já parecia a algũs hũ sò diamante,
 Já muitos, & cada hũ hũ Sol activo:
 Não menos adornado, nem radiante
 Vinha o *Conde da Torre*, que adoptivo
 Filho do Sol parece em luzes bellas
 Vestido mais de raios, que de estrellas.

48

O de *Vnbaõ* conhecido em toda aparte
 Por grande sucessor da quinta esfera
 Mais que aos adornos ao valor reparte,
 Mas ninguem nos adornos o vencera:
 Este cà do Occidente novo Marte
 O irmão, q̃ he Marte do Oriete, espera:
 Chegando *Antonio Telles de Meneses*
 Serà Marte geral dos Portugueses.

Que

49

Que dino de respeito, & que lustroso
 Dando cõ a lealdade empenho à fama
 Vinha o valente *Conde de Vimioso*
 Do tronco Regio conhecida rama?
 E o de *Penaguião*, a quem famoso
 Pela prudencia, & pelo zelo chama
 A seu templo immortal a Eternidade,
 Quanto traz de lustrosa humanidade?

50

Pedro da Silva generoso *Conde*
 De *são Lourenço* em nobre competêcia
 Nas galas à riqueza corresponde,
 Ao credito aquirido na prudencia:
 Qual o esplendor do Sol se não escõde
 Por dissimulação nem por violencia,
 Tal a gloria immortal de *Cantanbede*
 Nos raios, que ostétava, ao Sol excede.

51

Vinha o *Barão d' Alvito*, & quem o via
 Tão cortês, tão leal, & tão prudente,
 Rendido a seu valor logo dizia,
 Que varaõ lhe chamáraõ dinamente:
 No *Marques de Gouveia* competia
 O vistoso, o alegre, & o excellente
 Cõ tanta emulação, que acada épenho
 Quanto me crece amor, me falta égenho.
 Do

52

Do *Marquès de Ferreira*, a que trombeta
 Pode fiir a Musa valor tanto,
 Se não for, que louvando se remeta
 Firme à veneraçã, muda ao espanto:
 Que seria notada de indiscreta
 Querendo comprender no breve câto
 Tãtos dotes de hũ Principe tão nobre,
 Que faz rico o desejo, & a voz pobre,

53

Todos vinhão a pè, mas o Monarca,
 A cujos pès a enveja oje se rende,
 A quem dà privilegio a lei da Parca,
 A qué a melhor fama o nome estêde,
 A quem aclama quanto o mar abarca,
 A quem venera quanto o Sol acende,
 A quem adora quanto a vida anima,
 A quem defêde quanto a onra estima.

54

Em hũ forte castanho, que alentado
 Ià do peso Real, já do elemento
 Do fogo, de quem foi filho adoptado,
 Se antes o fora natural do vento,
 Das ancas, & do peito dilatado,
 Da fronte & das orelhas avarento,
 De olhos ardente, de nariz aberto,
 Longe os cabellos, & a cabeça perto.

Que

55

Que o freio d'ouro, a cuja lei acòde
 Moderando obediéte o impulso bravo,
 De branca escuma argêta, com q' pòde
 Fazer à neve lisonjeiro agravo:
 E que quando da terra as mãos sacòde,
 Olha se despedirão algũ cravo,
 E quando todos acha, então procura
 Verse, como em cristal, na ferradura.

56

E debaxo de palio de brocado
 Móvel docel de fixos resplandores,
 Que em colunas de prata levantado
 Sustentão seis longevos Senadores:
 Levãdo em hũa mão o cetro er dado,
 E na esquerda o preceito dos ardores
 Do brioso animal, & por mil modos
 A vida, a alma, o coração a todos.

57

Os olhos vinha enchendo a quẽ já tinha
 De amorosos desejos cheio o peito,
 A cuja sede universal convinha,
 Que se outorgasse universal efeito:
 Quem preso na doença se detinha
 Deixou alegre o càrce re do leito,
 E inobediéte ao sã, sem que o ajude,
 Sò vendo o Rei espera ter saude.

Apenas

58

Apenas pelas praças rompe, & cabe
 O concurso da gente repetida:
 Este pede, que a vida se lhe acabe,
 Pois vio sua esperança já cumprida:
 Aquelle quer mais vida, porque sabe,
 Que agora he útil, & he gostosa a vida:
 Outro, porque lograssem taes favores,
 Refucitar quifera seus maiores.

59

Alegres os meninos o advertiaõ,
 Os moços animosos o mostravão,
 Prudentes os varões o conheciaõ,
 Os velhos judiciosos o admiravão:
 Todos, luzindo amor, nelle se viaõ,
 Todos com grão respeito o adoravão,
 E em toda a estimaçãõ, e no amor tod o
 He tão grãde o prazer, q̃ não té modo.

60

Então se publicavão venturosas
 As que gerarão filhos nesta idade,
 Que o firuão com façanhas gloriosas
 Dinas de tão amada magestade:
 Chuveiro alegre de esmaltadas rosas
 (Que as não nega o inverno na cidade
 De Vliffes) lhe lançavão as donzellas,
 Que pareciaõ Soes chovendo estrellas.
 Muito

Faculdade de Filosofia
 Ciências e Letras
 Biblioteca Central

61

Muito era para ver, que se não via
 Espaço breve algum desocupado:
 Ondas de gente a praça repetia,
 Se nuves o lugar mais arriscado:
 Apenas para o triunfo concedia,
 Passagem o concurso alvoroçado:
 E que mais vê ao Rei, por mais q' o veja,
 Mais sua vista repetir deseja.

62

Com esta pompa emfim chegou triūfante
 A esse tēplo maior, que em magestade,
 Se desafia o Ceo por arrogante,
 Afecta por seguro eternidade:
 Que harmonia a verã, que voz, q' cante
 O affecto, a adoração, a piedade,
 Cõ que o grão Lusitano ao Ceo rēdido
 Ao pomposo excedeu no agradecido.

63

Alli do coração Real explica
 Envoltos em silencio affectuoso
 Prazeres, que a modestia sacrifica,
 Dinos de hũ pensamento fervoroso:
 O que obrigado goza, multiplica
 Grato, & fazendo o mērito ditoso,
 Na gloria, que alcançou, & que cõcede,
 Cõstancias immortaes deseja, & pede.

Com

64

Com o mesmo triunfo acompanhado,
 Com os mesmos aplausos proseguido,
 Com os mesmos affectos venerado,
 Com os mesmos desejos applaudido
 Volta ao Paço Real, onde o cuidado
 Amoroso em lisonjas do sentido
 Acredita verdades, que no peito
 A afeição produzira, & o respeito.

65

A qui gostosos parabens repete
 Toda a suave voz, todo o instrumêto,
 Eo que menos se afina, ainda compete
 Cõ o canoro Orfêo no grave accento:
 O desejo fatidico promete
 Com melodia, que suspende o vento,
 Ao Lusitano Rei eternidade,
 E ao seu Reino immortal felicidade.

66

Nem o Restaurador da Portuguesa
 Augusta sempre, sempre leal Coroa
 Sò da pompa mortal gozou acesa
 No amor, q̃ o doce câto alegre entoa:
 A acrecetar louvores desta empresa
 Com adorno Real sahio Lisboa
 Tão contente, tão grave, & tão pèpêsa,
 Que o Sol lhe dice amores por fermosa.

Do

67

Do peito generoso armada vinha,
 E vestida de branca primavera,
 Na mão esquerda a mão sagrada tinha,
 E na direita hū livro, & hūa esfera:
 Na cabeça mostrava, que he Rainha
 De Europa, & q̄ do mūdo sello espera:
 Acompanhaa rendido, & obediente
 O Norte, o Austro, o Ocaso, o Oriēte.

68

A sua imitação(qual mais ufana)
 Vem render sojeição a s mais cidades
 Da nobre monarquia Lusitana
 Fazendo alegre oferta das vontades:
 Os fús da cadeia Castelhana
 Que d' antes oprimia as liberdades,
 Não arrastados já; mas já rendidos
 Consagrão por despojos desunidos.

69

O Mondego, o Guadiana, o Minho, o Douro
 Em coches de cristal resplandecente
 Ao Rei tributaõ liberal te souro
 De amor, q̄ d'etro na agua vive ardēte,
 Trazem coroas d' hera, palma, & louro,
 Que receu o alvoroco diligente
 Para o Rei, & cada hū com novo estilo
 Para o louvar quisera ser hum Nilo.

Neptun

70

Neptuno sobre as ondas bulliçosas
 No distrito do Tejo introduzido
 Em carro de esmeraldas preciosas
 Novas adulações dava ao sentido:
 As rodas parecião brancas rosas
 Fabricadas de aljofre repetido,
 Que com o sucessivo movimento
 Pèrolas vem soltando cento, & cento.

71

Conduziaõlhe o carro lisonjeiro
 Quatro frisões marinhos, & servia
 O musico Arion de seu cocheiro,
 Seguindo mil Delfins sua harmonia:
 Por mais ostentação vinha primeiro
 Hũ terno de Tritões, que referia
 Cõ tróbetas de buzio ao muro Grego,
 Que era chegado ao Tejo o Rei do pego.

72

Vinha igual com Neptuno à mão direita
 No mesmo carro o Tejo tão galante,
 Que Tetis muito d'ambos satisfeita
 Ignora qual he o géro, ou qual o amãte?
 A campina das aguas era estreita
 Para o coro de Ninfas, que elegante
 Doce na voz, airoso nas mudanças.
 Compunha cantos, & tecia danças.

G

Tanto

Tantoque à portuguesa Magestade
 Deraó mostra, & fizeraó reverencia
 Formando com gostosa variedade
 O vistoso, & o alegre competencia:
 Então fez hum final hũa Deidade,
 Que provocava todos a obediência
 Persuadin do silencio, & seu aceno
 Deixou suspenso todo o coro ameno.

Fim do Canto Quarto.

CANTO

Vinha igual com Neptuno à mão direita
 No mesmo canto o Tejo tão galante
 Que Tejo mudo d'ambos as faldas
 Ignora qual he o gero, ou qual o mudo
 A campina das aguas era estreita
 Para o coro de Ninias, que elegante
 Doce na voz, airola nas mudanças
 Companhia canora, & recia danças.

CANTO QUINTO.

1
E Ogo o aurifero Tejo cō voz grave
Dice: Este foi o dia mais ditoso,
Que abriu a Portugal dourada chave
Do tesouro dos fados mais precioso:
A mais eroica voz, a mais suave,
O espirito mais alto, o mais fogoso
D'este coro immortal, q̃ o Sol admira,
O cante em grave tuba, em doce lira.

2
Callou. E todo o coro juntamente
Os olhos pôs na bella compostura
De Amarilis illustre, a quem consente
Palmas a discrição, & a fermosura:
Modera com mil graças o excellente,
Levanta com grandezas a doçura
Demodo que dà gosto, & causa espáto
O suave, & o altivo de seu canto.

3
He Belleza geral, que, como gira
O Sol por linhas d' ouro o Orizonte,
E nem do umilde valle se retira,
Nem escasso se nega ao alto monte:
Ella assim tudo alegre, & tudo admira
Consentido, que raio a raio conte
Suas luzes a flor, que mais se umilha,
E a arvore, que he dos ares maravilha.

G 2

A muitos

4

Amuitos tem seus olhos desvelado;
 Mas entre todos fora Silenciano
 O mais de suas graças namorado,
 Eo mais favorecido por seu dano:
 Que das glorias de Amor precipitado
 Aos tormétos mortaes de hũ deségano
 Vio apresentar seu bem a outro desvelo
 Que quer mais outro carcere, q̄ tello.

5

D' esta formosa Ninfa, as outras vejo,
 Que ouvir esperaõ todas a harmonia:
 Pois, como ao melhor cêtro do desejo,
 Cadaqual as ventagens lhe cedia:
 Mas sabendo, q̄ he varia, o claro Tejo
 (Grande defar em tanta bizaria)
 Não quer fiarlhe o canto, que quifera,
 Que allem da eternidade se estendera.

6

A Lisboa pedio, que o instrumento
 Tocasse mais Real, & mais canoro,
 Que possa suspender o curso ao vento,
 E defenpenhe a fê de seu decoro:
 Lisboa com eroico, & doce accento
 Igualando o suave, & o sonoro
 Cantando agrada, deleitando espanta:
 Ensiname, ò Calliope, o que canta.

Eu

7

Eu(diz)que já dei leis à mesma Aurora,
 E que já sojeitei todo o Oceano,
 Sendo dos elementos tão senhora,
 Que nelles tinha imperio soberano:
 Eu, que rendi despojos até agora
 Sojeita ao cativeiro mais tirano,
 Em q̄ erão poucos meus opimos frutos
 Para satisfazer tantos tributos.

8

Agora illustremente libertada,
 Ea meu primeiro estado reduzida
 Manifestando empenhos de obrigada
 Efeitos cumprirei de agradecida:
 De minha liberdade restaurada,
 De minha opiniaõ restituida
 A vos, ò invicto Rei, a vos me atrevo,
 Referir grata o que empenhada devo.

9

E não vos admireis se principio
 O canto alegre na ambição tirana,
 Que sojeitou com duro senhorio
 As glorias da coroa Lusitana:
 Que bem sabeis, Senhor, de vos ofio,
 Que he natural da condição umana
 Não saber distinguir sortes diversas
 Sem comparar as prosperas, & adversas.

G 3

Menos

10

Menos preço faria da bonança
 Quem nunca conhecesse a tépestade:
 Menos estimaria a temperança
 Do Ceo que nunca visse a escuridade:
 Ditosa sorte, prospera mudança,
 Felice estado, grande utilidade
 Ter sido tanto horror da sorte dura
 Caminho de alcançar tanta ventura.

11

E se esta aclamação vos dilatamos
 Nas grâdes oppressões, que padecemos,
 Foi, Senhor, que prudentes esperamos
 Tépo, em q̄ claraméte vos mostremos,
 Que não he beneficio, o q̄ vos damos,
 Tão grâde, como o q̄ oje recebemos,
 Porq̄ mais nos dais vos é ser Rei nosso,
 Que nos em restituir o q̄ he tão vosso.

12

Rei sois, a quem a sello não obriga
 Nê o proprio temor, nem o proveito,
 Pois não ha que não saiba, e que não diga,
 Que èreis já Rei no Estado mais estreito:
 Nosso proveito foi, nossa fadiga,
 Quem obrigou o amor de vosso peito
 A aceitar este cargo, q̄ he tão largo,
 Que menos vos deu de óra, q̄ de écaigo

Mas

13

Mas era necessario, & foi a certo,
 Que ouvesse conhecida diferença
 Dos Reis, a qué elege o vulgo incerto,
 Ao Rei, q̃ o Ceo elege, & quer, q̃ vêça
 Que a vos para acodir ao nosso aperto
 Preceitos deu o Ceo, mais que licença,
 E aos outros, de q̃ o Ceo menos se agrada
 A coroa permite sò emprestada.

14

Dina foi logo a voz, que vos aclama
 Por Rei da monarchia Portuguesa,
 Que cõ o empenho do favor vos ama:
 Prédêdo vosso amor, & de amor presa
 Os ecos immortaes da eterna fama,
 Quãdo ao mûdo publicuê esta êpresa,
 Diraõ, q̃ como assim vos sò reinastes,
 Sò por merecimentos o alcançastes.

15

Nem vossa aclamação fora aprovada
 De todo Portugal tão geralmente,
 Se antes muito de ser executada
 Não fora conhecida de excellente:
 Por q̃ agradou primeiro, agora agrada,
 Quem mais adesejou, mais a consente:
 Né té mais diferêça em nossos peitos,
 Que passar dos desejos aos efeitos.

16

Emvão a enveja contrastar procura
 Com traições, nê cõ armas vossa gloria,
 Em vão pretende a tirania dura
 Renovar de seus medos a memoria:
 Porque vossõ valor, vossa brandura
 Tão certa vos prometem a vitoria,
 Que porõde o inimigo mais trabalha,
 Tendes primeiro o triũfo, q̃ a batalha.

17

Mansidão, & valor, ò Rei benino,
 O valeroso Rei, em vos contemplo,
 Que facilmente vos prometem dino
 De seguro trofêo no eterno templo:
 Fique a arrogancia do rigor malino
 Corrida, fique sendo triste exemplo
 A remissão ignava, & sô se cante
 A alta brandura, o esforço vigilante.

18

Sois tão benino, sem passar a extremos
 De menos respeitado por umano;
 Que quãto mais clemête vos sabemos,
 Tanto vos adoramos soberano:
 Bem, como com as leis, assim vivemos
 Convosco, ò justo Rei, porque se dano
 Da liberdade, porque o recto avivem,
 Tê sobre nos dominio, entre nos viuê.

Tão

19

Tão moderado no governo entrastes,
 Quando estava o governo mais perdido,
 Que sem mudar as leis o restaurastes,
 Usando sô do exemplo bem seguido:
 As leis por este modo melhorastes,
 Que tinham seu primor tão oprimido;
 Que o Reino com leis justas fabricado
 Das proprias leis estava destroçado.

20

Ordenou o rigor do fado estreito,
 Que oposto a nosso bem o dilatava,
 Que até agora estiveis vos sojeito
 Aquem o vosso cetro violentava:
 Já triunfante se vê vosso direito,
 Se atégora, Senhor, suspenso estava;
 E qual (quando vassallo parecestes)
 Desejaveis o Rei, tal vos fizestes:

21

E se quereis medir, quanto agradece
 O Reino ver-se livre, & restaurado
 Da opressão grave, que ditoso esquece
 Em obsequios alegres empenhado:
 Vede quanto condena, & aborrece
 De hũ riguroso Rei o jugo irado?
 Que não amara muito a hũ Rei clemête
 Quem muito não odiasse ao insolente.

Tão

22

Tão valeroso sois, que o vosso braço,
 Sem se mo ver, ganhou aliberda de
 Do vosso Reino desatando o laço,
 Que atàra a estrangeira magestade:
 Sé se mover o obrou: Pois do ébaraço
 Com o menor aceno da vontade
 Triúfou vosso poder, q̄ em hũ sò dia
 Em mim vos rastrou a monarquia.

23

Nem serà mais façanha do ardimento
 Vêcer por terra, & mar vossos cótrarios,
 Quando conspirem cõtra vosso intêto
 Elquadrões cegamête temerarios:
 Do que foi o primeiro movimêto
 De entre afeições, & pareceres varios
 Na apparencia, éprender tãta façanha,
 Que anima apropriã gête admira a estranha

24

Eo que mais admiravel se afigura,
 Dando espanto geral a toda a terra,
 He, que seja animado de brandura
 Hum coração, que tal valor encerra:
 E que sendo criado em paz segura
 Tenhais tantos alentos para aguerria,
 Que nem vos turba aparche, q̄ ribõba
 Nem a peça, canhão, bõbarda, & bõba

Mas

25

Maseu, Principe invicto, não me espáto,
 Nem se deve espátar qué vos conheça
 De vosso ardente espirito ser tanto,
 Que, átesq̃ épregne os raios, respládeça:
 Bem sabe o giro da Tapada; quanto
 A vosso braço, a vosso pê obedeça
 A fera cujo ardor, cujo escarmento
 Pedio armas ao fogo, alas ao vento.

26

Alli domando o touro, que esgrimia
 Meias luas a fronte, os olhos fogo,
 Eo jávali, que a Alcides desafia,
 Aprendestes a andar, & a vencer logo:
 Esta imagem da guerra vos servia
 De escola generosa, & o vosso jogo
 Já então era os despojos, q̃ ganháveis
 Das indomitas feras, que matáveis.

27

Nem era necessario a vosso peito,
 Para ser forte, ser exercitado,
 Pois, para serdes Principe perfeito,
 Basta vosso valor, basta o erdado:
 Tendes para qualquer eroico feito,
 Não sei se original diga, ou traslado,
 Nos Avòs immortaes, de qué erdastes
 O cetro de cristal, q̃ oje épunhastes

Outro

28

Outros refervo a canto menõs breve,
 E sò vos lembrarei DÕ IOÃO primeiro,
 A quem a liberdade Lusõ deve,
 E mais que nella em tão illustre erdeiro:
 Testemunha sou eu de quanto teve
 A Nuno voffo avô por companheiro,
 Mais que vassallo, & pelo mundo soa
 A lealdade, que então mostrou Lisboa.

29

O quantas do soberbo Castelhana
 Vitorias alcançãrão gloriosas!
 Quãtas vezes, & quantas com seu dano
 Provou as noffas armas vitoriosas!
 Pois se olhais, invencivel Lusitano,
 As luzes deste espelho generosas,
 Que exercicio melhor, nê q̃ experiência,
 Que aquella imitação, & essa prudencia?

30

Portanto, quando oposto a voffo nome
 Queira fazer de voffas armas prova
 O Castelhana Rei, fareis, que odome
 A antiga imitação, & agloria nova:
 Quando mais atrevido, as armas tome,
 Sem olhar, que a justiça lhas reprova,
 Primeiro encótrará oprimido a morte.
 No orror de voffa espada, que no corte.

Para

31

Para vossa defesa se prepara,
 Não digo já o meu povo, que obediête
 He costumado com lealdade clara
 A servir, & a mostrar esforço ardente:
 Né digo o demais Reino, ôde não para
 O Amor, q̄ ao vosso câpo cõduz gente,
 Mas ainda Frãça, Oláda, & Catalunha,
 Que cadaqual por vos a lâça épunha.

32

Allem da liberdade restaurada
 Isto mais, Rei famoso, vos devemos,
 Que he ver a nossa gente exercitada
 Na milicia, que tanto suspendemos:
 Ao bastaõ, à gineta prateada,
 Ao venablo, ao tambor obedecemos:
 E se faltava à nossa opiniaó alta
 Militar diciplina, já não falta.

33

Iã desprezãõ a audacia do inimigo
 Os vossos valerosos Lusitanos,
 Lisõja representãõ no perigo,
 Achãõ facilidade em vencer danos:
 Estas confianças traz o Amor consigo
 Nos bizonhos igual, & veteranos,
 Ecadaqual espera na batalha,
 Que seu amor, & seu valor mais valha.

Com

34

Com tantas esperanças já confio,
 Que, quando o mar afeite impediméto,
 Domareis seu immenso senhorio
 Fabricando em seu campo torres céto:
 Quando vos embarace qualquer rio
 O passo com seu umido elemento,
 Tanto cadaver enemigo conte,
 Que venhão a fazer segura ponte.

35

Ià creio, que vos vejo em cãpo armado
 Alentando bizarro aos Portugueses
 Esgrimir esse esto que não cansado
 De tirar vidas de romper arneses:
 Ià, que vibrando lança sois cuidado
 Fatal aos mais valentes Leoneses,
 Que védo o grão valor, q' é vos admiro,
 Antes morrem do ameaço, que do tiro.

36

Ià imagino, que dando a nova istoria
 Empenho cõ otriunfo, que alcãçastes,
 Para solenizar vossa memoria
 A eternidade, & a fama convidastes:
 E na gala pomposa da vitoria,
 Que suspédendo o mudo cõquistastes,
 Se dirà, que triunfais, porque véceites,
 Não, q' só por triúfar, guerra éprédeste.

Ià

37

Ia vejo em vosso triunfo merecido
 Precederem ao carro maniata dos
 (Glorioso o que por vos fosse vécido)
 Os Capitães de Espanha mais ousados:
 O nome nos escudos esculpido,
 Nos escudos trarão, que espedaçados
 Com os golpes fataes do vosso braço
 Terão apenas para o nome espaço.

38

O que firme esperança me persuade,
 O que justa confiãça me assegura
 Tanto triunfo à vossa Magestade,
 Ao vosso Portugal tanta ventura!
 Que hũ Rei, q̃ fũda o imperio na piedade,
 Virtude com razão a mais segura,
 E na justiça igual, com que governa,
 A gloria, & a coroa faz eterna.

39

Em vos tanta piedade resplandece,
 Que sois primeiro e Portugal Trajano,
 E vossa mansidão mais se engrandece
 Junta a vosso valor, q̃ he mais q̃ humano:
 De modo cada acção vos ennobrece,
 Que sois, acreditando soberano
 Como valor, & piedade fuma,
 Romulo forte, religioso Numa.

Tanto

40

Tanto vos acredita o justicoso,
 Que em premios, & castigos excellête
 Nê aoque mereceu deixais queixoso,
 Nem deixais sê castigo ao delinquête:
 Não val ao que pecou ser poderoso;
 Antes então da lei o peso sente:
 Que não he Rei, ou o he de umilde sorte
 Quê sô impera no fraco, e não no forte

41

Com este zelo, com que igual defende
 Vosso braço a justiça inviolada,
 O q̄ he mais alto, mais pontual éprêde
 A observãcia da lei, que ao Rei agrada:
 Cõ o exêplo do grãde o umilde aprêde
 A virtude, que crece de emulada:
 Que não ha melhor lei para os menores
 Que a imitação do Rei, & dos maiores.

42

Porquê mais luza o venturoso dia,
 Em que sois Sol, & a liberdade Aurora,
 Do peso nos livraestes, que oprimia
 Nossos ombros cansados até agora:
 Do peso dos tributos, que trazia
 Imposições tiranas d' ora em ora,
 Com que já não bastava o soportallos
 O exausto patrimonio dos vassallos.

He

43

He verdade, que a guerra, que se espera,
 Que se estriba nos nervos do dinheiro,
 Não permite cessar (como quisera
 Vosso Amor) o tributo todo inteiro:
 Mas vossa mansidão tanto modera
 O peso dos tributos, q̄ primeiro
 Que os peçais; por vontade os oferece
 O Reino, & aceitarlhos agradece.

44

Ainda assim de maneira moderastes
 O nome sempre odioso dos tributos,
 Que na distribuição, cō q̄ os lâçastes,
 Não ha qué não deseje darvos muitos;
 Porque benigno os pobres aliviastes
 Pedindo mais aqué logrou mais frutos.
 E deste modo mais contente fica
 Quem maior sōma a vossa mão applica.

45

Vem a ser mais suave, que penosa
 Esta do Reino já sofrivel carga,
 Que doce oje se faz por amorosa,
 Se por dura até agora foi amarga:
 Porque com providencia cuidadosa,
 Não com ostentação prodiga, & larga
 Acode à universal necessidade,
 Não ao gosto superfluo da vaidade.

H

Outra

46

Outra prosperidade, que conquista
 Os corações de todos docemente,
 Nos concedeis, Senhor, cō vossa vista,
 Tendonos sempre a porta mui patête:
 Este favor emenda o que malquista
 A todo o pederoso de insolente:
 Que he pena desigual, q̃ o Sol esquivo
 Ao pobre negue a luz, que dà ao altivo

47

Tão Sol neste favor resp landecestes,
 Que mostrastes com giro peregrino
 Na luz, que ao vosso povo cōcedestes,
 Providencias lustras de Divino:
 Pois, como Deos, a penas conhecestes
 Algum afeçto de animo, a que fino
 Não assistisse já vosso cuidado
 Ainda antes conhecido, que invocado.

48

E não faltando zelo inadvertido,
 Que, quando tanta luz comunicastes,
 Receasse o decoro diminuido
 Nos raios liberaes, que revelastes:
 Vos de vosso valor sō competido
 Amoroso, & prudente o atalhastes,
 Dizendo: Não convem a meu respeito
 Cerrar a porta a quẽ me abrio o peito.

49

O verdadeiramente amor paterno!
 O espirito real, o que confia
 Fazer das leis de Amor leis de governo
 Fundar nos corações a monarquia!
 O de Rei Português empenho eterno,
 Que tantas saudades alivia!
 Ter na clemência a maior gloria posta,
 Ver, & ser visto, ouvir, & dar resposta.

50

Hũa satisfação dar vos desejo,
 Antes que o tempo meus accetos rōpa,
 E que a afeição, que neste coro vejo,
 Cō outro aplauso o cãto me interrōpa:
 Porq̃ nẽ eu, Senhor, nẽ o aureo Tejo
 Vos recebemos com tão grande pōpa,
 Como já noutro tempo recebemos
 A quem menos amamos, & devemos.

51

Mas bem sabeis, que he mais industriosa
 Alifonja affectada, que a verdade,
 Que he toda a servidaõ mais égenhosa
 Para adular, que anobre liberdade:
 E que mais facil he a paxão medrosa
 Em inventar, que a candida vontade:
 Portanto eu verdadeira, livre, & amãte
 Oje singella fui, se então galante.

H2

F avos

52

Ea vossa estimação rendo obrigada,
 Por sacrificio de maior decoro
 De soldados magnanimos a espada,
 E de engenhos armonicos o coro:
 Aquelles com destreza acreditada,
 E estes farão com método canoro
 Que o vosso campo toda a terra dome
 Que soe é todo o mudo o vosso nome.

53

Começai pois, ó Rei maravilhoso,
 A equivocar defenza, & mais côquista:
 Nem haja quem vos dane belicoso,
 Nem haja quem ousado vos resista:
 O inimigo soberbo, & cauteloso
 Tão atalhado se ache à vossa vista,
 Que vêdo em sua casa a maior guerra,
 Defenda a sua, & deixe a vossa terra.

54

Este he o modo, Senhor, mais acertado
 Para vos defenderdes de inimigo,
 Que no poder, que ostenta, confiado
 Na vizinhança afeceta o môr perigo:
 Vede, que he singular razão de estado
 Para vossa defeza, & seu castigo
 Enfraquecerlhe a força do ameaço,
 Divirtirlhe o poder, prenderlhe obraço.

Veja

QVINTO ii

55

Veja, veja, que tendes tanto alento
 Não ló para a batalha, que prepara
 Mas tãbé para o triũfo, a cujo accêto
 Já afamavos promete avoz mais clara,
 Que anticipais aguerra a seu intento
 Com animo tão grande, que não para
 Em defender samente o patrio muro,
 Mas q̃ainda o seu está pouco seguro.

56

Divirtase o poder, com que pretende
 Impugnar vossa gloria temerario:
 De menos necessita quem ofende,
 Mais ha mister quẽ teme a seu cõtrario
 Não duvideis de q̃ arrogãte emprende
 Guerra, & para a defesa he necessario
 Diminuir lhe a força, antes que possa
 Vnir a sua, & dividir a vossa.

57

Onde a guerra está viva, alli se encerra
 A fome, a confusão, & o geral dano,
 E tal vez he pior, que a mesma guerra,
 O receio da guerra desumano:
 Trasladaí estes danos para a terra
 Viçosa do soberbo Castelhanao,
 Onde de vosso cãpo o forte, & o fraco
 Se anime, & se enriqueça com o sacco.

H;

N 6

58

Não duvideis, que a guerra anticipada
 Da vossa parte he justa, & conveniente,
 Porque vai à defenſa encaminhada,
 Que dilação de instantes não consente:
 Quanto mais que já vejo provocada
 Com affaltos comũs a vossa gente:
 Deixo a causa das rendas, q̃ vos deve
 O soberbo Eſpanhol, que não he leve.

59

Vede do auguſto Infante *Dom Duarte*
 A injusta detençaõ em Alemanha,
 Onde, despois que foi valente Marte,
 A força se lhe faz, q̃ o mũdo eſtranha:
 E oje retido em tão remota parte,
 Por segurar a ceterior Eſpanha,
 Padecendo as violencias mais injustas
 Faz vossa guerra, e vossas armas justas.

60

Tendes soldados taes, que não duvido,
 Que tenhais certa a mais feliz vitoria,
 Pois seu valor ao mundo conhecido
 Em Castella deixou maior memoria:
 Militão pelo soldo pretendido
 Os contrarios, & os vossos pela gloria
 Da liberdade, & pela Patria amada
 Preferindo ao viver a morte onrada.

61

Os nobres com illustre gentileza
 Liberaes oferecem, & alentados
 Aos dispendios marciaes sua riqueza,
 Aos perigos seus peitos esforçados:
 Seguem os populares a Nobreza
 Com tal emulação, tão animados,
 Que para vos servir ricos, & pobres,
 Todos, Senhor, nos animos são nobres.

62

Nem a quebra de algũs desacredita
 Os que ficão leaes, nem desalenta
 Os peitos, em que a fê se não limita,
 As almas, é q̃o Amor mais se acrecêta:
 Antes tantas finezas sollicita,
 Que cõ affecto, & com lealdade isêta
 Da sospeita menor veio a ser pedra,
 Em cujo toque a fê créditos medra.

63

Marche por tanto o Campo conduzido
 De Eroẽ fatal, ocupe valle, & ferra:
 Começai de vencer restituído,
 Dài principio ditoso à justa guerra
 Peça antes o inimigo por partido,
 Que livre lhe deixeis a sua terra:
 Mais val, q̃ vécedor (mais val por certo)
 Deis ao vécido orror, leis ao cõcerto.

H 4

A caixa

64

A caixa, que já toa, à voz sonora
 Da trombeta bastarda, ao estandarte,
 Cujá sagrada empresa o vento adora,
 Réda temor Castella em toda a parte:
 Quê vos vio Cesar na primeira Aurora
 Do Reino, vos admire logo Marte
 No meio dia, a cujos raios d'ouro
 Tribute luz o Sol, & a fama louro.

65

Marche a vossa valente infantaria,
 Que tão grandes façanhas vos promete,
 Aumentando esplendor à luz do dia
 Os reflexos do peiro, & capacete:
 Forme muros de faia a picaria,
 Fulmine em seus cõtornos o mosquete
 O raio do pilouro, descompondo
 Ahús mortos da ferida, a outros do estrôdo

66

Marche a Cavallaria, marche, & bata
 Com a ferrada unha a terra dura,
 Mostrádo no escarvar, q de abrir trata
 Para vossos contrarios se pultura:
 Tinja o cavallo na úmida escarlata
 Do inimigo feroz a neve pura,
 Com que o freio guarnece mastigado
 De cristal, & de purpura argentado.

E vos

67

E vos aos cavalleiros, & aos infantes
 Inspirai com a vista tanto alento,
 Que ainda âtes da batalha dê triúfâtes
 O vosso, & o seu nome ao firmamento,
 Onde em cifras de luzes rutilantes
 Admire a emulação, & adore o vento
 Nessa lamina azul letras de gloria,
 A que a fama encomêde a vossa istorya.

68

Seja a mais propria acção da eternidade
 Dos vossos esquadrões qualquer é presa
 Cate se é todo o mûdo, é toda a idade e
 A gloria da coroa Portuguesa:
 E renovada a candida amizade
 Da gente Lusitana, & da Francesa
 Faça reverdecer agora os louros
 De quádo me livrou da mão dos Mouros.

69

Acabou de cantar, & donde o canto
 Deu fim, trinãdo a voz suave accêto;
 Louvandoa foi retorica o espáto,
 Eloquencia o amor, lisonja o vento:
 Sua doce harmonia pode tanto,
 Que deu às duras pedras movimento,
 As aguas suspensão, ao ar firmeza:
 Callou, & tornou tudo à natureza.

Amarilis

70

AMARILIS, q̄ está quasi pi cada,
 Porque o Tejo por varia a mortifica,
 Postoque a não picarse he costumada,
 Antes a ser quem sempre a todos pica:
 As glorias d'este aplauso dedicada
 Tão êmula em affectos se publica,
 Que já lhe não impede o claro Tejo,
 Que logre de algum modo seu desejo:

71

Citara de marfim com cordas d'ouro
 Tomou, que antigamente foi o fensa
 De Orfêo na mão de hũ cizne, q̄ no Douro
 Cantou alegre liberdade immensa:
 Não foi assim no Tejo, ôde d' hũ louro
 Com desenganos a deixou suspensa
 Mas na mão de Amarilis ter podia
 Nova constellação pela armonia.

72

Tocandoa pois, a seu fiel compasso
 Graciosa a bala o corpo, & o pè breve
 De fogo liberal, de neve escasso
 Vai semeando fogo com a neve:
 A cada movimento, a cada passo
 Ora livre, ora grave, & ora leve
 He senhora dos ares por airosa,
 E vai pisando as almas por fermosa.
 Quando

73

Quando o largo teatro em roda gira,
 Sendo sempre a seu garbo a roda estreita,
 Huás almas abraça, outras admira,
 Outras préde, outras mata, outras deleita:
 D'onde o pé fugitivo se retira,
 Não sabe o chão, q' o teve, mas sospeita
 Pelas flores amenas, que alli gera,
 Que por alli passou a Primavera.

74

Com a vista não pode todo o coro
 Das Ninfas comprender o labirinto,
 Que tece entre o airoso, & o sonoro
 Ainda nos pensamentos não distinto:
 Segura na belleza, & no decoro
 Cirulos forma bellos, em que sinto
 Mâis liberdades presas, & perdidas,
 Do que Dedalo é Creta enlaçou vidas.

75

Com tão bom ar, com tal destreza dáça,
 Que houve que dice namorado della:
 Não he defeito professar mudança
 Que nas proprias mudanças he tão bella
 Húa faz, com que gera húa esperança,
 Com outra as esperanças atropella:
 E em cada volta ou grave ou pressada
 Quanto mata cruel, fermosa agrada.

Depois

76

Despois que a toda aliquida Dei lade,
 E às Ninfas suspensão, & enveja dera
 Prendendo nas mudanças a vontade
 A quem de sua luz firmeza espera:
 Prostrada à Portuguesa Magestade
 A adoração repete, que fizera,
 Quando érrou a dâçar, mostrádo agora
 De Venus o esplêdor, se étão d' Aurora

77

Faltou primeiro toda a luz ao dia,
 Que o Sol de pura enveja lhe negára;
 Que faltasse o aplauso, & a harmonia,
 Com que Lisboa seu amor declara;
 Mas não suspêdem sombras a alegria,
 Que nos braços da noite foi mais clara
 Na ostentaçãõ de luminarias bellas,
 Que brilhaõ mais, q̃ as lúcidas estrellas

78

Esta foi, Rei invicto, a menor parte
 Da pompa, que oferece a vossos raios
 Quem vos aclama Lusitano Marte,
 Que ao leão Espanhol causais desmaios:
 O amor, que nestes versos me reparte
 Para canto maior breves ensaios.
 A vossos pés me traz, onde pretendo
 Lograr ditoso o affecto, que vos rédo.

E em quáto

79

Em quanto outro furor mais levatado
 Preparo a vosso braço vitorioso
 No triũso, q̄ em auspicios de esperado
 Possue já os encomios de glorioso:
 E é quãto aos anaes vossos chama ofado
 De vossa immortal gloria cuidadoso
 A erudição d' hũ Brito que na istorya
 Divulgue em alto estilo vossa gloria.

80

Accitai hũ desejo, que procura
 Servirvos noq̄ pode, & noque alcãça:
 Sò quero é vos servir minha ventura,
 Sò fũdo em vos servir minha esperãça
 Assim serà a confiança mais segura,
 Porque não ha mais certa confiança,
 Que aspirar ao serviço sem o intento
 Do premio, q̄ não dà merecimento,

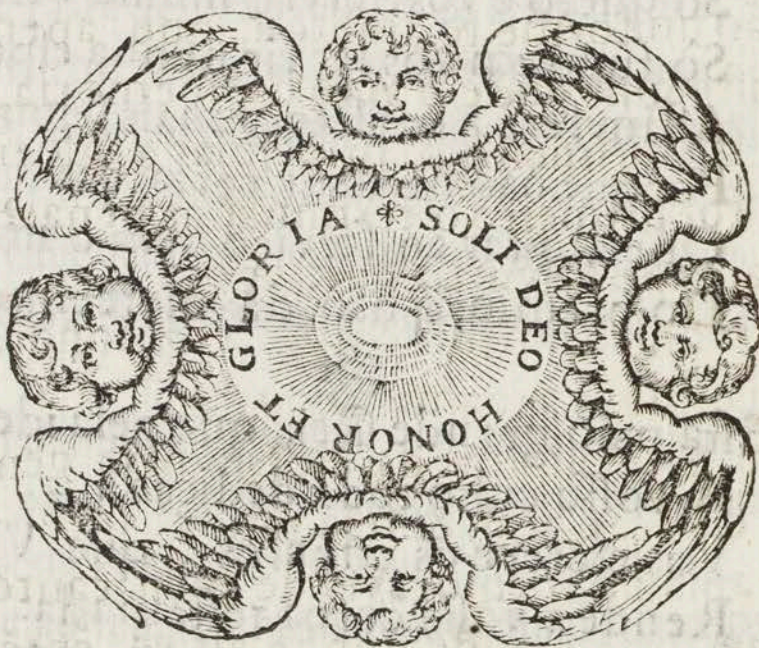
81

Esta mão, grande Rei, que pela idea
 A vosso culto toda dedicada
 Vos escreve os triunfos, que Vlissea
 Rende a vossa coroa restaurada:
 Se do fogofo Marte, ou justa Astrea
 Lhe cometerdes a valente espada,
 Vereis. como servindo vos robusta
 Avibra forte, ou a sustenta justa.

E se

E se vossa grandeza me concede
O favor alto, a que meu câto aspira,
Poder ostentareis, que augusto excede
Ao da fortuna, q̃ ofendendo admira:
Porque a fortuna para mim procede
Com tão grande poder, & com tal ire,
Que fareis mais é cõtrastar seus danos,
Que é vécer esquadões de Castelhanos!

F I M



CAN

A ELREI NOSSO SENHOR

DOM IOÃO O QVARTO:

feita para o certame da Vni
versidade de Coimbra.

CANÇÃO.



Evantou Portugal a coroada
Cabeça tantos annos oprimida
Na servidão cruel do Castelhana
Ià sua liberdade restaurada
O clarim de Calliope convidada
A accento eroicamente soberano:
Ià no auspicio da gloria o fim do dano
Tão uniforme se ajuntou, que apenas
Distinguir pode o acto da memoria,
Se foi primeiro o principiar a gloria?
Se foi primeiro o terminar as penas?
Calliope Divina, dáme agora
Armonico instrumento, voz sonora,
Que cante dinamente
Do Redemptor da Portuguesa gente
A coração real, & seja tanto
O aplauso memoravel de meu canto,
Que soe a voz de minha altiva épresa
Quanto soou a fama Pottuguesa.

Deviasse a coroa Lusitana

Por direito à Senhora Caterina,

Quando

Quando a Parca atalhou grãdes aumétos:
 Mas intrusa a soberba Castelhana
 Triunfando da fraqueza feminina
 Ganhou os muros; não os pensamétos:
 Sempre se preservarão tão isentos
 Os animos do jogo, que oprimia
 Com violencia fatal a liberdade,
 Que nunca se apossou de hũa vôtade
 O odioso poder da tirania:
 Sempre se sustentou hũa esperança
 De restituir à Casa de Bragança
 Real pela ascendeneia,
 Real pela usurpada preferencia
 A coroa de Luso, mas o efeito,
 Se facil por vontade, & por direito,
 Por falta de occasiã se dilatava
 Na força, & no temor. E já tardava.

Mas quando pareceu mais sepultado
 Nas sombras do importuno sofrimétos
 Sojeito ao catiueiro mais injusto:
 De impulso superior resucitado
 As nè voas espalhou do esquecimento
 E os raios despregou do brio augusto:
 Iusta resolução, decreto justo
 De mudar a coroa generosa
 Determinou a eroica fortaleza,
 E con

E convocando a principal Nobreza
 Para a conjuração mais gloriosa
 Dispos 'o intêto illustre tão secreto,
 Que padecia escrupulo o decreto,
 Quando se executava,
 E parecia, que ainda se ignorava:
 Pois venturosamente conseguido
 Seu louvor aumentava e não ser crido
 Gozando as esperanças no successo
 Cômplemento feliz, prospero excessso.

Determinada pois a acção maisdina
 Do concavo metal, do metal plano,
 Dequãtas cõta antiga, & nova istoria:
 O efeito confirmou, que era Divina,
 Porque sò por auxilio soberano
 Tão barata se compra tanta gloria:
 Tu, flor de Penaguião, tu de memoria
 Eterna dino, o collo à tirania
 Cortaste (E callo os outros cõ espãto
 Reservãdolhe a gloria a maior cãto,
 Que os eternize e celebre armonia):
 Derrubou este golpe não sò a vida
 Do corpo, em q̃ tocou, aborrecida;
 Mas do dano que a ella
 Respirações mandava de Castella:
 Porque esta sò garganta unicamente
 I Susten-

Sustentava a cabeça, que insolentē
 A coroa cingia Lusitana
 Na fronte cheia de ambição tirana.

Iá cadaver aquella estatua altiva
 Precipitado ao vulgo a dar vingança
 Aos corações de tantos ofendidos:
 Se aclamou em voz alta: Viva, viva
 Rei Portuguêz o Duque de Bragãça:
 Suave admiração para os ouvidos:
 Suspensão repartida em dous fétidos
 O povo concebeu d'esta façanha:
 Nos olhos, do espectáculo, que viaõ,
 Nos ouvidos, do bem, que percebiaõ,
 Mal se podia crer gloria tamanha;
 Mas o Amor persuadio aquê a ignora
 Cõ evidência tal, que antes de hũa ora,
 Sem que voz o impugnasse,
 Semq̃ arma se movesse, ou dispara ;
 Se adorou a luz nova da coroa
 D'El Rei Dõ Ioão nos muros de Lisboa;
 Cõ a boca, cõ a alma, & cõ mil modos,
 Viva El Rei Dõ Ioão Quarto, dizê todos;

Logo no quinto dia (porque Marte
 He radiante Senhor da quinta esfera)
 O Marte Portuguêz mostrou seus raios:
 Sua

Sua vista nos animos reparte
 Alentos ao amor de quem o esperã,
 E à emulação (se a houve) mil desmaios
 Não querêdo mais pópa, q̄ os ésaio
 De coriscos marciaes, que sonorosos
 Davão luz ao amor, fumo à enveja:
 Sò quer, que sua pompa maior seja
 De animos Portugueles os fogosos
 Aplausos, cuja salva mais lhe agrada,
 Que o triũfo, & q̄ a coroa celebrada:
 Firmouse emfim o intento
 Com a so lene acção do juramento
 Com tal quietação, q̄ bẽ se alcança,
 Que lhe he dada a coroa por erança,
 Não por cóquista; Pois apaz lha réde
 Todos a aclamação, & ningnẽ a ofede

Agora pois, ò Rei pelo Ceo dado
 Por Redẽptor da gente Portuguesa,
 Que por sessenta invernos foi cativa:
 Agora no Real solio colocado
 Resta, que susteteis a eroica empresa,
 De que nosso remedio se deriva;
 Iã sem receios a esperança viva
 Augusto Pai da Patria vos aclama:
 E se nossa comum necessidade
 Vos chamou, jã primeiro na vontade

Do Reino todo, que fiel vos ama,
 Ereis chamado ao cetro, ereis eleito
 A coroa, que he vossa por direito:
 Agora vos compete
 Dar a restauração, que nos promete
 O Ceo por vosso braço vitorioso:
 Agora umanamente Magestoso,
 Sé q̄ o temor, & lé q̄ o amor se mude,
 Dareis castigo ao mal, premio à virtude.

Agora e dificar hũ novo templo
 Deve a Fama immortal à vossa gloria
 Com as pedras de nosso cativeiro:
 Sirva, Senhor, a vossa luz de exemplo
 A viva fama, a immortal memoria
 De vosso átecessor Dõ Ioão Primeiro:
 Sede vos seu retrato verdadeiro,
 Se he, q̄ elle já não foi vosso retrato:
 Nos dous a mesma gloria terá parte:
 Vitorioso triunfou seu estandarte
 Do Leaõ sépre â nossa Serpe ingrato:
 Vencendo triunfará vossa bandeira
 Da fabrica de escudos lisonjeira,
 Que presumido arvora
 Contra nos o Leaõ, que vos ignora,
 E do meio das Armas peregrinas
 O escudo arrácareis das nossas Quinas:
 Que

Que pois fois Quarto, como o Sol q̄ vista
 Poderà aver, q̄ a vossa ardor resista?

Embraçai pois, Senhor, cõ firme laço
 O sacro escudo, vibraijà essa lança,
 Cegue a Castella a luz da vossa espada
 Ià para vos coroar descrava obraço
 Cristo da cruz, auspicio de esperãça,
 E aprovação da épresa principiada:
 Alvoroce a trombeta exercitada
 Os ginetes, que é Lisboa gera o véto:
 O rumor soe do estrondoso parche,
 E alegre a seu cõpasso o câpo marche
 Bebendo inspirações de vosso alêto:
 Provoquê as bandeiras jà triunfâtes
 O exercito valente dos infantes:
 E quando o Castelhana
 Vossa coroa impugne? com seu dano
 Renoue escarmentado na memoria
 Sua destruição, & vossa gloria,
 E ouça primeiro o circulo da terra
 Vosso triũfo immortal, q̄ vossa guerra.

Canção, que vãs nas asas d' hũ desejo
 Mais de amor, q̄ de égenho, presúptuoso
 Habilitarte no Mondego undoso
 Para ser salva illustre ao Sol do Tejo,

Menos culta te vejo,
 Do que pede coroa tão pomposa;
 Mas tua umilde voz por amorosa
 Desculpa confianças mais estranhas:
 Animate portanto,
 E ao Rei, quem adoras neste canto,
 Diràs, que já farão suas façanhas,
 E meus accentos, que Alexandre seja,
 Sem à dita de Aquilles ter enveja.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

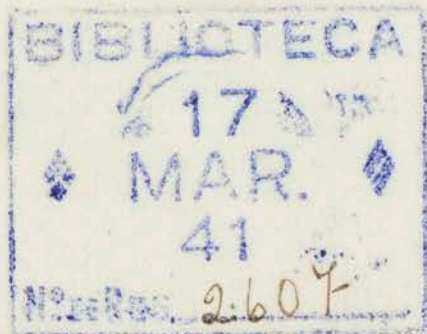
Biblioteca Central

SONE


SONETTO

Rè prima delle voglie, e già del Regno,
 Al cui senno, al cui capo, alla cui mano
 Il cuore, il lauro, il scettro Lusitano
 Sacro l' affetto, il trionfo, il feudo degno.
 A voi, che sete di celeste pegno
 Compita fede, sen' oppone 'n vano
 La possanza superba dell' Ispano
 D' amor, di gioia, di tributo indegno.
 Che, se pur Christo, mentre 'l Regno chiama
 Vostra corona, il santo braccio schioda
 Della croce, e se pur può tutto in esso.
 Pur vuole dimostrarci, quanto v' ama,
 Edice a Portogallo sì, che l' oda:
 Ecco si compie quello, ch' ho promesso.

Levou o Primeiro Premio.



S O N E T T O


 prima delle regie, e già del Regno,
 Al cui anno, al cui tempo, al cui anno
 L'anno, l'anno, l'anno, l'anno
 Sarà l'anno, il tempo, il tempo, il tempo
 Anzi, che fare di quelle pigne
 Compita fede, non oppone in vano
 La passione, l'aspirazione, l'aspirazione
 D'amor, di gloria, di virtù, di indugio
 Che se per Cristo, non per il mondo chiaro
 Non si scorda, il suo sacro, il suo sacro
 Della croce, e l'aspirazione, l'aspirazione
 Per quale danzarci, danzarci, danzarci
 Edite a Portogallo, che l'oda
 Poco si teme quello, che lo stampa

L'vno o l'altro tempo

